

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BACHARELADO EM MUSEOLOGIA

ANA CAROLINA DE LIMA CHAVES

MEMORIAL DA PANDEMIA:
uma análise da memória do luto

Porto Alegre

2023

ANA CAROLINA DE LIMA CHAVES

**MEMORIAL DA PANDEMIA:
uma análise da memória do luto**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Prof^ª Marlise Maria Giovanaz

Porto Alegre

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor Carlos André Bulhões Mendes

Vice-Reitora Patricia Pranke

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora Ana Maria Mielniczuk de Moura

Vice-Diretora Vera Regina Schmitz

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefia Rene Faustino Gabriel Júnio

Chefia Substituta Caterina Marta Groposo Pavão

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE MUSEOLOGIA

Coordenadora Marcia Regina Bertotto

Coordenadora substituta Vanessa Barrozo Teixeira Aquino

CIP - Catalogação na Publicação

de Lima Chaves, Ana Carolina
MEMORIAL DA PANDEMIA: uma análise da memória do
luti / Ana Carolina de Lima Chaves. -- 2023.
62 f.
Orientadora: Marlise Maria Giovanaz.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Museologia,
Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Memorial da Pandemia. 2. Covid-19. 3. Memória
Coletiva. 4. Trauma. 5. Museus Virtuais. I. Maria
Giovanaz, Marlise, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705

Bairro Santana

Porto Alegre - RS

Telefone (51) 33085067

E-mail: fabico@ufrgs.br

ANA CAROLINA DE LIMA CHAVES

**MEMORIAL DA PANDEMIA:
uma análise da memória do luto**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de
Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
como requisito parcial para obtenção de
grau de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Prof^a Marlise Maria Giovanaz

Banca Examinadora:

Prof^a. Marlise Maria Giovanaz (Orientadora) - UFRGS

Prof^a Dr^a Márcia Regina Bertotto - UFRGS

Ma. Priscila Chagas Oliveira - UFPel

Defendido em Porto Alegre, 1 de setembro de 2023

I hope that from now on, those who were left behind will hurt less and remember more.

Kim Jong-Hyun, 2016

AGRADECIMENTOS

Ao longo da minha jornada acadêmica me deparei com diversos discentes e professores que agregaram à minha busca por conhecimento e crescimento como indivíduo. Essa é a graça das diversidades, você nunca fica entediado quando está aberto a novos descobrimentos.

Gostaria primeiramente de agradecer a minha própria pessoa por não ter surtado completamente com a elaboração desse trabalho. Em segundo, meus pais e amigos por terem paciência com todos os momentos de isolamento. À minha gata, Benjamina e cachorro Florêncio, por serem meus companheiros de longas noites e tardes. E por último e não menos importante: ao SHINee por não me permitir perder o foco de cada objetivo e nova jornada que eu começasse. Eu sou grata por todos que passaram pela minha vida e deixaram um pouco de si.

Eu dedico esse trabalho a uma grande pessoa que diariamente faz falta e que sempre acreditou em mim, que hoje onde quer que esteja, espero que sinta orgulho.

É com grande carinho que agradeço imensamente à minha orientadora, Marlise Giovanaz, que mesmo de forma objetiva sempre teve sensibilidade, por ser uma profissional incrível e dedicada. Sempre me motivando e disponível para ajudar.

Agradecer, é claro, por mais um dia. Por estar aqui e poder dar este relato para que ele sirva de conhecimento e que sua importância seja preservada e perdure. Dedico este trabalho a todos que, assim como eu, enfrentaram a Covid-19, acreditaram na ciência e não desistiram. Que nossos entes queridos jamais sejam esquecidos.

RESUMO

A Covid-19 trouxe inúmeros questionamentos sobre temas como a memória e os traumas que as perdas geraram. O presente trabalho de conclusão de curso visa investigar a contribuição do site Memorial da Pandemia e considerar sua ativa participação para com os campos da museologia e da memória social. A metodologia utilizada parte de pesquisa acadêmica, de natureza descritiva, com abordagem exploratória e documental, via 9 imagens selecionadas do seu acervo, obtidos ao longo da pandemia da Covid-19, entre os anos 2020 e 2021, abordando os conceitos de memória coletiva, história oral, traumática e de luto. A partir dessa análise, o trabalho evidencia as necessidades que esses registros analisados versam para a criação de uma memória coletiva dentro do período e acontecimentos propostos.

Palavras-chave: Memória coletiva. Trauma. Covid-19. Museus virtuais. Memorial da Pandemia.

ABSTRACT

Covid-19 raised several questions about topics such as memory and the traumas that losses would generate. This final paper aims to investigate the contribution of the Memorial da Pandemia website and consider its active participation in the fields of museology and memory studies. The methodology used is based on academic research, of a descriptive nature with an exploratory and documentary approach, through 9 images selected from its collection, obtained during the Covid-19 pandemic between 2020 and 2021, addressing the concepts of collective memory, oral history, traumatic and grieving. Based on this analysis, the work highlights the needs that these records are developed for creating a collective memory within the proposed period and events.

Keywords: Collective memory. Trauma. Covid-19. Virtual museums. Memorial da Pandemia

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Covas abertas no Cemitério Santo Antônio em Sorocaba/SP.....	19
FIGURA 2 - Primeira parte do formulário.....	27
FIGURA 3 - Segunda parte do formulário.....	28
FIGURA 4 - Terceira parte do formulário.....	29
FIGURA 5 - Quarta parte do formulário.....	30
FIGURA 6 - Registro de lazer.....	45
FIGURA 7 - Pelas ruas de São Paulo.....	46
FIGURA 8 - Novas práticas de isolamento.....	47
FIGURA 9 - Novos hábitos.....	48
FIGURA 10 - Lazer e turismo.....	48
FIGURA 11 - Trabalho.....	50
FIGURA 12 - Videochamada.....	51
FIGURA 13 - A fé em tempos de pandemia.....	52
FIGURA 14 - A primeira vacinada.....	54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

OMS - Organização Mundial da Saúde

MS - Ministério da Saúde

CIDH - Comissão Interamericana de Direitos Humanos

STF - Supremo Tribunal Federal

CPI - Comissão Parlamentar de Inquérito

TPI - Tribunal Penal Internacional

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

UTI - Unidade de Terapia Intensiva

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: A DOR QUE NOS ACOMETE.....	10
2 A PANDEMIA E SEUS VESTÍGIOS.....	15
3 MEMORIAL DA PANDEMIA: O ACERVO DE TODOS NÓS.....	23
4 MEMÓRIA E LUTO NA PANDEMIA: EM BUSCA DE UMA MEMÓRIA COLETIVA.	37
5 ANÁLISE DAS IMAGENS: A IMAGEM COMO DOCUMENTO.....	43
5.1 Deslocamentos.....	44
5.2 O Novo Normal.....	47
5.3 Desencontros.....	49
5.4 A luz no fim do túnel.....	53
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS.....	58

1 INTRODUÇÃO: A DOR QUE NOS ACOMETE

É de suma importância antever ao leitor deste trabalho que a pesquisa deste não se iniciou na disciplina de Introdução ao Trabalho de Conclusão de Curso - MSL (BIB03227) e, sim, durante o ano de 2021, quando a pandemia seguia ainda em alta e todo dia vivido era uma batalha ganha por um futuro ainda melhor. Todo o material analisado e revisado para a construção desta seção é advindo de pesquisa documental realizada nas visitas ao site até o momento atual.

A memória sempre foi um tópico presente na minha vida, seja de forma positiva ou negativa. Sempre lembro dos sábados, o almoço em família na casa da minha avó e a afeição que desenvolvi pela comida como resultado. Mas também lembro e relembro de muitos momentos traumáticos que me afligiram durante a infância. Há muito o que não lembro e o que lembro, mesmo que me remeta tristeza, é o que me faz quem eu sou hoje, pois “somos o que lembramos”, como diria Sigmund Freud¹. A Pandemia da Covid-19, por mais que tenhamos seguido nosso cotidiano e sequer lembremos o que aconteceu, ela ainda é viva em nós. Um conhecido, um parente, alguém que amamos, seja qual for o vínculo, todos conhecemos alguém que foi vítima dessa doença e lembramos da dor, pois é impossível fugir dela.

Seguindo as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e as medidas sanitárias necessárias para evitar a transmissão da Covid-19 no Brasil, muitas famílias enfrentaram a desritualização da despedida do morto. O distanciamento imposto pela pandemia impactou não somente as relações sociais e as visitas aos museus, mas também a memória pelos entes queridos que se foram e aqueles que ficaram. Este trabalho busca refletir sobre a produção e reprodução de memórias a partir do site Memorial da Pandemia, pensando memória e o luto no contexto de Covid-19. Para realizar esta proposta foi realizado um estudo de caso sobre o Memorial da Pandemia e sua relevância para a memória coletiva por meio de uma base de dados online com

¹TANCREDI, Silvia. Sigmund Freud: biografia. **Brasil escola [página institucional]**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/sigmund-freud.htm>. Acesso em: 18 jul. 2023.

a possibilidade de coletar fotografias, textos, vídeos ou outros tipos de documentação de história oral referente à pandemia da Covid-19.

No Memorial, como ocorre em lugares de memória, ou museus ditos tradicionais, o visitante no site² tem acesso a fotografias, depoimentos orais e notícias regionais que pretendem provocar a reflexão sobre a pandemia e a Covid-19. Porém, compreendendo a história como o processo das relações humanas, procurou-se enfatizar a ação coletiva dos agentes envolvidos, ou seja, de pessoas como eu, profissionais de várias áreas, nossos familiares e funcionários, no enfrentamento das dificuldades experimentadas naqueles dias, evidenciando as múltiplas realidades que compuseram a história coletiva desse período. Além dos depoimentos orais e desabafos, disponibilizados no Memorial, há também fotografias desses registros.

Este trabalho de conclusão de curso busca refletir sobre a relação entre memória e luto e a geração de memórias traumáticas, através dos impactos causados pela pandemia da Covid-19, analisando o Memorial da Pandemia e sua relevância para a memória coletiva, conforme os registros obtidos ao longo do acontecido.

A escolha do Memorial se faz pela viabilidade de ser um site de fácil acesso, ao qual o assunto abordado não é novidade pela autora. A persistência do assunto abordado pelo Memorial fez e faz parte do cotidiano de todos que enfrentaram a pandemia e ainda convivem com os rastros deixados pela doença. No entanto, por mais que seja uma tragédia, atualmente pouco é abordado ou falado, como um fantasma no passado de todos. O intuito maior deste trabalho é a de que isso não seja esquecido e que a memória de todos que se foram e ainda estão por aqui não seja negligenciada.

Partindo da premissa de examinar a relação entre memória individual, coletiva, e o seu papel social, histórico e cultural que as respectivas narrativas desempenham na sociedade, constitui a base da discussão deste trabalho, que inclui como estudo de caso, um museu virtual e monumento à pandemia. Esses documentos contam como era a vida desses indivíduos (nós) que marcaram

² **Memorial da Pandemia**. Disponível em: <https://memorialdapandemia.com> . Acesso em: 10 set. 2023.

nossa história social e colaboraram para a formulação da memória coletiva da nossa sociedade. Então, ao compararmos com o Memorial da Pandemia, os registros orais e imagens, obtidos através do site, trazem uma nova perspectiva para o conceito de memória e estreitaram os laços entre a memória coletiva, historiografia, a pesquisa, a sociedade e a própria museologia que aqui demarcaram as vivências individuais e coletivas de pessoas que se viram compelidas a experimentar novos modos de vida, reconfigurando rotinas de trabalho, ensino, social e lazer, conforme o que a quarentena permitia.

Este trabalho de conclusão de curso partiu de uma pesquisa exploratória-descritiva, de abordagem qualidade e de natureza básica, uma pesquisa documental, tendo como estudo de caso o Memorial da Pandemia. É composta por autores cujos escritos analisem os conceitos que irão embasar e auxiliar na construção argumentativa, que no caso são: o conceito de memória proposta por Joel Candau, Ulpiano Bezerra de Meneses e Michael Pollak atrelado, também, ao conceito de museologia e museu virtual de Tereza Scheiner e Priscila Chagas Oliveira, e o conceito de patrimônio e luto de Marc Guillaume.

Como **objetivo principal**, o presente trabalho procurou analisar o pensamento através do viés do distanciamento imposto pela pandemia, que impactou não somente as relações sociais e as visitas aos museus, mas também a nossa relação com o tempo e o espaço, e conseqüentemente com a memória.

Em vista destes acontecimentos a pergunta dessa pesquisa é: Qual a importância do Memorial da Pandemia e suas contribuições para o campo museológico e a memória coletiva? Qual importância do trabalho desenvolvido pelo Memorial da Pandemia para construção de uma memória coletiva pós-Covid, de acordo com as 9 imagens selecionadas disponíveis no site, obtidos ao longo da pandemia da Covid-19 entre os anos de 2020 e 2021?

O trabalho se baseou em uma análise documental, analisando o acervo documental fotográfico de 9 imagens selecionadas do Memorial da Pandemia. Os critérios para a seleção destas imagens propostas foi, além de fazer parte do acervo público do Memorial - assim todos que tiverem interesse podem

acessar e ter um pouco da vivência que cada imagem representa - mas também de um segundo olhar sobre cada imagem. Imagens que retratam o dia a dia, a dúvida do que o futuro reserva, da dor de tantas perdas, do alívio de poder compartilhar os seus pensamentos e poder desabafar. São imagens que representam diversos sentimentos e são de suma importância para tentarmos compreender o universo de cada indivíduo durante o período proposto. A análise partiu da descrição dos autores, interagindo entre si, de forma a serem apontados diversos momentos vivenciados. O trabalho discute, de maneira interdisciplinar, conceitos de memória, perda, museus virtuais e a Covid-19 para investigar a trajetória do Memorial da Pandemia. Se caracteriza como uma pesquisa acadêmica de natureza descritiva com abordagem exploratória, para analisar o acervo documental fotográfico com 9 imagens selecionadas do Memorial da Pandemia: O Acervo de Todos Nós.

O trabalho foi desenvolvido em 6 seções. A primeira, de caráter introdutório, mostra minha relação com a Covid-19, como a pandemia impactou a minha vida, como me inseri nessa realidade, também apresenta a justificativa, o problema de pesquisa, os objetivos gerais e específicos e a base teórica metodológica desta investigação.

A segunda sessão, **A PANDEMIA E SEUS VESTÍGIOS**, irá abordar o surgimento da Covid-19, seu impacto, a relação da pandemia com as famílias daqueles que se foram. Também é abordado como surgiu a necessidade de memorizar os entes queridos para jamais serem esquecidos. Os autores abordados são: Diwan; Ferreira; Rossini; Teixeira (2021).

A terceira sessão, **MEMORIAL DA PANDEMIA: O ACERVO DE TODOS NÓS**, contextualiza de forma objetiva o surgimento do Memorial, sua proposta, o eventual livro que fora fruto do levantamento e questionários realizados de forma voluntária onde as pessoas foram contando seus relatos, vivências, desabafos e até um pouco da sua realidade por meio de imagens. A investigação parte da hipótese de que o Memorial da Pandemia representa uma inovação teórica, conceitual para o campo de estudos e práticas da memória enquanto torna toda e qualquer pessoa por meio de sua narrativa de vida um patrimônio da humanidade. A fonte primária referência deste capítulo

são os autores do próprio livro. Garcia (2021); Diwan; Ferreira; Rossini; Teixeira (2021); Guillaume (2003, 1980); Meneses (1998); Magaldi, Scheiner (2010); Oliveira (2018) e Nora (1993).

A quarta sessão, intitulado **A MEMÓRIA E LUTO NA PANDEMIA: EM BUSCA DE UMA MEMÓRIA COLETIVA**, aborda os conceitos de memória e sujeito individualmente e tendo como contexto a pandemia, partindo da ideia de que o contexto de convivência influencia sua ressignificação. Autores abordados: Meneses (1992, 2018); Pollak (1989); Barcellos (1999); Nora apud Le Goff, (2003); Nora (1993); Candau apud Silva (2008); Halbwachs apud Silva (2013; Candau (2011); Bergsson (1999);

A quinta sessão **ANÁLISE DAS IMAGENS: A IMAGEM COMO DOCUMENTO** parte do princípio de analisar a semiótica de 9 imagens escolhidas e como podem representar, registrar e compreender que é por meio da linguagem somos capazes não só de sermos e agir sobre o mundo que nos cerca, mas também de construí-lo e nele intervir. É a partir dos símbolos presentes em cada imagem que nos permite explorar mediante contribuições que esses levantamentos possam ter para o campo da museologia e da memória coletiva, a importância de suas ideias e práticas como um repositório digital no campo documental em contexto da pandemia do Covid-19, entre os anos de 2020 e 2021. Autores mencionados: Berger, Luckmann (1985); Hanke (2017) Ulpiano Meneses (2003 e 2005); Rodrigues (2000) e Le Goff (2003).

A sexta e última sessão aborda as **CONSIDERAÇÕES FINAIS** e apontamentos acerca do valor memorialístico e documental das imagens analisadas e suas contribuições para o início da concepção de uma memória social através do que foi analisado desse campo de estudos. Partindo de questionamentos acerca de como a museologia, os museus e nós podemos seguir de agora em diante para pensar o momento da pandemia e suas consequências, como começar a discernir e digerir tais memórias e quais a serem preservadas.

2 A PANDEMIA E SEUS VESTÍGIOS

O que é uma pandemia? Do grego, Pan “todo” e Demos “povo”. Uma doença infecciosa que se espalha em diferentes continentes por contaminação transmitida e sustentada de uma pessoa para outra.

Ao longo do tempo, a população foi acometida por diversas epidemias, surtos e doenças que assolaram regiões e continentes por todo o globo e deixaram rastros de muita dor e perda. Os efeitos negativos que esses momentos ocasionaram são os mais diversos, incluindo: instabilidade econômica, colapso no sistema de saúde, isolamento social que facilita o desenvolvimento de doenças psiquiátricas como depressão e síndrome do pânico, demissões em massa, conseqüentemente gerando crise nos setores de comércio e serviços, entre outros. Em meio à crise sanitária, em que a memória ainda não teve o tempo de luto para amparar a matéria daqueles que já foram conhecidos, tivemos que enfrentar a luta pela vida que acabou nos ensinando saberes importantes para seguirmos em frente.

Sobrevivemos à Peste do Egito (430 a. C), ou Peste de Atenas, que foi um tipo de febre tifoide que matou um quarto das tropas atenienses e um quarto da população da cidade durante a Guerra do Peloponeso. Também a Peste Antonina (165–180) que foi possivelmente causada pela varíola e matou um quarto dos infectados. As mais conhecidas e terríveis: Peste Negra (1300) e Gripe Espanhola (1918-1920). A primeira, foi o ressurgimento de uma antiga peste, conhecida como A praga de Justiniano ou peste de Justiniano, que foi uma pandemia, ocorrida no reinado do imperador Justiniano I entre os anos de 541 e 544. Oitocentos anos depois do último aparecimento, a peste bubônica tinha voltado à Europa. Começando a contaminação na Ásia, chegou à Europa mediterrânea e ocidental em 1348, e matou vinte milhões de europeus em seis anos. Já a “gripe espanhola” foi uma pandemia do vírus influenza (H1N1) que infectou 500 milhões de pessoas, cerca de um quarto da população mundial naquela época.³

³ Fundação Oswaldo Cruz [Página institucional]. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia>. Acesso em: 15 jul. 2023

Quanto a Covid-19, Rossini (2021) nos conta no livro *Memorial da Pandemia: O Acervo de Todos Nós (2021)* que foi na cidade de Wuhan, República Popular da China, onde tudo começou. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS):

Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Tratava-se de uma nova cepa (tipo) de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos.⁴

Foi em 26 de fevereiro de 2020 que o Ministério da Saúde (MS) confirmou o primeiro caso de novo coronavírus em São Paulo. O homem de 61 anos deu entrada no Hospital Israelita Albert Einstein, na terça-feira (25/2), com histórico de viagem para Itália, região da Lombardia⁵. Mas é em 30 de abril de 2020 que temos o primeiro anúncio de *lockdown* (quarentena): “Justiça decreta *lockdown* no Maranhão. Estarão em bloqueio total por dez dias, a partir de 05 de maio”⁶. Toda linha do tempo do que temos conhecimento do Coronavírus no Brasil pode ser consultada no site da Sanar⁷.

Segundo o site da OMS, globalmente, em 7 de junho de 2023 (data da verificação dessas informações), houve 767.750.853 casos confirmados de Covid-19, incluindo 6.941.095 mortes, relatadas à OMS. Até 6 de junho de 2023, um total de 13.396.086.098 doses de vacina foram administradas.⁸ Em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde declarou que o surto do novo coronavírus constitui uma Emergência de Saúde Pública de

⁴ ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Histórico da pandemia de COVID-19**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19#:~:text=Em%2031%20de%20dezembro%20de,identificada%20antes%20em%20seres%20humanos>. Acesso em: 15 jul. 2023.

⁵ BRASIL. SISTEMA UNIVERSIDADE ABERTA DO SUS. **Coronavírus: Brasil confirma primeiro caso da doença**, 20 fev. 2020. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca>. Acesso em: 15 jul. 2023.

⁶ TEIXEIRA, Lucas Borges. **Justiça decretou lockdown no Maranhão: qual a diferença para quarentena?** Uol [portal de notícias], 01 maio 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/01/justica-decretou-lockdown-no-maranhao-qual-a-diferenca-para-quarentena.htm>. Acesso em: 15 jul. 2023.

⁷ SANAR. **Linha do tempo do Coronavírus no Brasil**. 19 mar. 2020. Disponível em: <https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil>. Acesso em: 15 jul. 2023.

⁸ WORLD HEALTH ORGANIZATION. **WHO Coronavirus (COVID-19) Dashboard**. Disponível em: <https://covid19.who.int>. Acesso em: 06 jun. 2023.

Importância Internacional (ESPII), conhecido como o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional⁹. Antes dessa notícia sair oficialmente, já circulavam rumores sobre um novo possível vírus. Acompanhamos atônitos sobre sua letalidade e apreensivos com o poder de contaminação, principalmente relacionada com a idade dos infectados e as comorbidades já existentes neles. Alguns de nós assistíamos tudo sem dar muita importância à origem do problema (ROSSINI, 2021, p.29).

Em 25 de março de 2020 o Ministério da Saúde publicou portaria nº 545, de Em 25 de março de 2020¹⁰ com recomendações de como devem ser realizados os funerais e o manuseio dos cadáveres nos hospitais, em domicílios e em espaços públicos. Consoante o protocolo, os falecidos devido ao novo coronavírus podem ser enterrados ou cremados, mas os velórios e funerais de pacientes confirmados ou suspeitos da doença, não são recomendados. Neste caso, o risco de transmissão também está associado ao contato entre familiares e amigos.

Seguindo o protocolo, durante todo o velório o caixão deve permanecer fechado para evitar qualquer contato com o corpo. Recomenda ainda que seja evitada a permanência de pessoas que pertençam ao grupo de risco: maiores de 60 anos, gestantes, lactantes, portadores de doenças crônicas e imunodeprimidos. Em suma, houve um esforço em assegurar que os corpos contaminados não causem contaminação. Esses protocolos devem ser seguidos para evitar casos como o de uma família na Bahia que abriu o caixão de um familiar falecido no velório e cinco pessoas foram infectadas (PITOMBO, 2020).

Outro documento semelhante foi publicado pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos em julho de 2020. Em um dos tópicos

⁹ ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **OMS declara emergência de saúde pública de importância internacional por surto de novo coronavírus**. 30 jan. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/30-1-2020-who-declares-public-health-emergency-novel-coronavirus>. Acesso em: 23 jul. 2023.

¹⁰ BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 545, dE 25 de março de 2020. Disponível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2020/prt0545_26_03_2020.html#:~:text=Altera%20a%20Portaria%20n%20488,Coronavirus%20\(COVID-19\)](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2020/prt0545_26_03_2020.html#:~:text=Altera%20a%20Portaria%20n%20488,Coronavirus%20(COVID-19)). Acesso em: 23 jul. 2023.

abordados da resolução 1/2020 relata os direitos dos parentes dos mortos de Covid-19, dentre os quais, a integridade e saúde mental.

Para Rossini (2021):

[...] pessoas perderam suas vidas no mundo, deixando famílias devastadas, pois quando uma pessoa morre ela não vai só, leva consigo os sonhos e planos daqueles que ficaram e conviviam com ela. Uma pessoa quando morre deixa alguém, seja um amigo, um pai ou mãe, um filho, esposa e marido, primos ou tios. Uma vida que sucumbe jamais deveria ser medida por números. (ROSSINI, 2021, p. 38).

A pandemia e a eventual crise sanitária desencadeada amplificou problemas sociais que já existiam e levantou novas questões sobre nossas relações interpessoais. O abraço de um (a) namorado (a), uma refeição com os avós, uma ida ao bar com os amigos, todas, agora, apenas lembranças e esperanças de um futuro que em muitos casos foram interrompidas não somente pelo distanciamento social, mas pela perda. Segundo Teixeira (2021, p. 61):

Nesse processo de adaptação, são muitos os relatos de insônia, ansiedade, tédio, depressão, angústia e solidão disparados por diversos motivos como: trabalho remoto, o adiamento de planos, a violência doméstica, o gênero, o abandono, a velhice e a posição social. Realidades que o negacionismo menospreza, mas que o registro histórico dos fatos revelará pela preservação da memória de tempos de morte e doença.

A Pandemia da Covid-19 não foi mortal apenas em óbitos, mas em sonhos. Sonhos interrompidos, vidas pela metade que na maioria das vezes não pôde sequer ter um rito funerário adequado, mas junto a outras covas abertas. O país contabilizou tantas mortes em um curto espaço de tempo que até caixões faltaram. A fácil transmissão do vírus também dificultou um funeral apropriado. No Brasil, os doentes terminais não puderam ser visitados, os mortos não puderam ser velados e os cadáveres não puderam ser vistos. Aqui, a perda teve de ser substituída por outra perda. E o processo de luto não teve sua vez, foi atropelado e arrastado por outra morte cujo sofrimento se tornou maior do que a dor do luto.

Segundo o site jornalístico G1, em uma notícia publicada em 02/04/2021 por G1 Sorocaba e Jundiaí, a média móvel de mortes no país nos últimos 7 dias ficou acima da marca de 3 mil pela primeira vez e chegou a 3.119. Tinha

sido o pior número no índice pelo 7º dia consecutivo. Em comparação à média de 14 dias atrás, a variação foi de +43%, indicando tendência de alta nos óbitos pela doença.

FIGURA 1 - Covas abertas no Cemitério Santo Antônio em Sorocaba/SP



Fonte: VELOSO, Witter (2021)

Consoante a prefeitura de Sorocaba, antes da pandemia, o número de covas prontas para o uso diário era de 30 no Cemitério Santo Antônio. Já até 30 de março de 2021, o número de sepulturas prontas para o uso, por dia, passou a ser cerca de 70. Na época, já se marcavam 71 dias seguidos com a média móvel de mortes acima da marca de mil; o país completava 16 dias com essa média acima dos 2 mil mortos por dia; era o sexto dia com a média acima da marca de 2,5 mil, como podemos evidenciar na Figura 1 acima. O que nos ocorreu foi uma reação em cadeia: partindo da crise da estrutura de saúde pública, colapso do sistema funerário e sepultamento de corpos em massa expuseram a letargia da vida e a subjetivação da morte.

São imagens como as do Cemitério Santo Anônimo (Figura 1) que retratam o declínio funerário ao qual enfrentamos, tais imagens abalam não somente o meu, mas o senso de dignidade que muitos de nós partilhamos, que faz morada no desespero de oferecer um destino aos nossos falecidos que seja minimamente adequado às nossas culturas e práticas tradicionais. Independente da religião, os ritos fúnebres marcam um momento delicado de homenagem e despedida, são momentos sagrados em nossas vidas e suas

práticas são delineadas pelas tradições que caracterizam filiações e crenças de grupos sociais.

A Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH, 2020) na resolução 1/2020, cria um guia prático para medidas a serem adotadas para garantia do respeito ao luto, aos ritos funerários e às homenagens às pessoas falecidas durante a pandemia.

Adotar de forma imediata, urgente e com a devida diligência todas as medidas que sejam adequadas para proteger os direitos à vida, à saúde e à integridade pessoal das pessoas que se encontrem em suas jurisdições frente ao risco que representa a presente pandemia. Tais medidas devem ser adotadas com base nas melhores evidências científicas, em concordância com o Regulamento Sanitário Internacional (RSI), bem como com as recomendações emitidas pela OMS e a OPAS, na medida em que forem aplicáveis (CIDH, 2020, p. 7).

A CIDH teve suma importância, pois durante o período mais sombrio, foi fonte norteadora a respeito ao luto e a necessidade de prevenção tanto em razão de medidas restritivas implementadas no cenário da pandemia quanto da sobrecarga de serviços médicos e cemiteriais. Dessa forma, foi possivelmente um marco para elaboração de novas demandas por parte de organizações governamentais e não governamentais, familiares de vítimas, e até Defensorias e Ministérios Públicos. Em outras palavras, a produção dessa resolução por parte da CIDH oferece um novo e atual conjunto de padrões com novas e adequadas práticas disponíveis em termos de direitos humanos no que diz respeito ao luto e à memória dos mortos.

Seguindo as orientações da OMS e as medidas sanitárias estabelecidas, para se evitar o contágio pelo novo Coronavírus no Brasil, muitas famílias não puderam velar seus mortos, vítimas da Covid-19. O distanciamento imposto pela pandemia impactou não somente as relações sociais e as visitas aos museus, mas também a memória pelos entes queridos que se foram e aqueles que ficaram.

Entre tantos problemas enfrentados, felizmente tivemos, em abril de 2021, a determinação do então ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Luís Roberto Barroso a instauração de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que apurasse as possíveis falhas do Governo Federal no enfrentamento à pandemia, incluindo apontar os possíveis responsáveis por isso. A CPI

investigou supostas omissões e irregularidades nas ações do governo do presidente Jair Bolsonaro durante a pandemia de Covid-19.

Com um total de 1.179 páginas, o relatório final da CPI da Covid foi apresentado em 26 de outubro de 2021¹¹ por Renan Calheiros, que foi relator do caso. O documento, dividido em 16 capítulos, incluindo investigados e provas, pode ser acessado na íntegra no site do Senado Federal. O relatório sugere o indiciamento do então presidente Jair Bolsonaro por nove crimes que vão desde delitos comuns, previstos no Código Penal, a crimes de responsabilidade, conforme a Lei de Impeachment. Há também citação de crimes contra a humanidade, conforme o Estatuto de Roma, do Tribunal Penal Internacional (TPI), em Haia.¹²

Sepultamentos como os retratados em Sorocaba de pessoas em uma vala comum, violam o direito ao luto e aos ritos religiosos, pois ocasiona perda da individualidade do sujeito e da referência espacial - que para o rito e para o sepultamento do corpo falecido - deturpa a relação respeitosa e cerimoniosa que desenvolvemos com a morte. Valas comuns são marcas que gritam o completo oposto do que entendemos como liturgia: a banalidade, a pressa, a violência e o esquecimento. Destacam os autores do Memorial:

Em meio a tantas consequências negativas resultantes desta pandemia, destacam-se, sem dúvida, o número desproporcional de vidas perdidas, os rituais de despedida em família que não puderam ser realizados, o distanciamento obrigatório das afetividades, a vulnerabilidade em que foi posta a vida de milhões de brasileiros incapacitados pelo governo de ter acesso a informações precisas e a um planejamento de superação desta crise de maneira eficaz. Ainda assim, mantemos firme a iniciativa de contribuir positivamente para este processo resguardando parte deste momento pelas vozes de indivíduos comuns, seus olhares, suas narrativas, suas experiências vividas. O *Memorial da Pandemia* é um acervo vivo, em expansão, e aberto a todos que se sensibilizarem com a importância deste momento. (Diwan; Ferreira; Rossini; Teixeira, 2021, p. 24).

Como abordado pelos autores, a sensibilidade e empatia em muitos momentos foi posta em questionamento, seja por viés político vivenciado durante esses tempos complicados, ou a falta de dimensão da tragédia que se

¹¹ VIEIRA, Anderson. Após seis meses, CPI da Pandemia é encerrada com 80 pedidos de indiciamento. Senado Notícias, 26 out. 2021.

¹² MELO, Carine; CRISTALDO, Heloísa. CPI da Pandemia aprova relatório final e pede 80 indiciamentos: comissão aprovou texto por 7 votos a 4. Agência Brasil, Brasília, 27 out. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2021-10/cpi-da-pandemia-aprova-relatorio-final-e-pede-80-indiciamentos>. Acesso em: 20 jul. 2023

instaurou em todo o planeta. Os líderes, assim como nós, precisam ainda hoje compreender o tamanho de suas perdas, tentar dimensioná-las e classificá-las, não para tratar apenas como estatística, pois algo só some quando seu nome é esquecido, mas para que milhares de famílias enlutadas que tiveram e ainda presenciam jornadas difíceis pela frente não sejam marginalizados. É muito importante que se construa e de fato se compreenda uma memória pública em torno dessas perdas antes de se desligar do passado, é ele que reflete quem somos hoje. É neste ponto que o Memorial da Pandemia se destaca e ganha forças, pois seu objetivo é justamente não nos deixar esquecer.

3 MEMORIAL DA PANDEMIA: O ACERVO DE TODOS NÓS

A memória, as histórias de vida e as narrativas têm sido tema de reflexão e prática presente em culturas, espaços e tempos diversos. A memória, por meio da criação de narrativas, é o que possibilita a imaginação de futuros e a percepção do passado no presente. A criação do Memorial da Pandemia parte do conceito de que a Museologia, enquanto campo de saber ligado aos registros da experiência humana, esta para além das questões que envolvem os museus físicos enquanto fenômeno, têm o potencial para refletir acerca da produção de memória e de constituição de acervos que se formam fora das instituições. Assim, o Memorial da Pandemia é uma iniciativa de um grupo de historiadores que atuam em diferentes âmbitos como educadores, escritores e assessores na área de História e disciplinas correlatas. Desde os primeiros meses da pandemia da Covid-19, tinham o objetivo comum de criar uma base documental para preservar a multiplicidade de documentação criada nesse processo.

Se a fronteira entre o que é história e o que é reportagem se confunde dentro do Memorial da Pandemia, talvez a força da proposta resida justamente nisso: em propor uma fonte para alimentar o jornalismo carente de perspectiva e uma historiografia carente de agilidade. (Garcia, 2021, p. 16).

Por conta da pandemia do coronavírus, as instituições culturais precisaram se desdobrar para manter o contato com o público e, a partir do seu acervo, implementar novos diálogos. Assim, alcançando esse público - e possivelmente muitos mais através de suas plataformas digitais -, uma comunidade mais diversificada daquela que costumava frequentar a instituição presencialmente. Em um movimento extremamente significativo, os museus abriram as portas para que as obras que muitas vezes ficam guardadas por anos no esquecimento fossem acessadas por um número maior de pessoas. Por consequência, também abrindo novas possibilidades, como museus e instituições memorialísticas online.

Pelos caminhos da história oral se teve a intenção de valorizar a fala do cidadão comum atreladas à essas novas práticas impostas no isolamento, pois:

Práticas corriqueiras de socialização foram inevitavelmente alteradas; contatos físicos entre amigos, colegas e familiares foram reduzidos, alterados ou abolidos, ao passo que outros protocolos de higiene se

tornaram regra para a sobrevivência e o cuidado coletivo. (Bezerra; Oliveira, 2021, p.95)

O acervo de uma instituição de memória não tem como responsabilidade apenas refletir o passado, mas sim estabelecer uma relação direta com a história da humanidade. O museu deve educar o nosso olhar através das obras, estimular debates sobre o passado, e o presente, ajudar a gerar novas reflexões sobre o futuro também. Sua disponibilização online abre uma nova possibilidade de expansão de sua ação cultural.

É fundamental a reflexão sobre o momento pandêmico que vivenciamos, para que a história iniciada no ano de 2020 não seja mais desassociada por diversos temas, tanto políticos, sociais e culturais, dentre os quais a pandemia destaca-se como a responsável aceleradora de tendências, “conflitos e tensões já presentes na sociedade brasileira, explicitando ainda mais nossas discrepâncias sociais” (Diwan; Ferreira; Rossini; Teixeira, 2021, p. 21).

Uma época difícil foi vivida no Brasil durante 2020 e 2021, portanto, o projeto elaborado pelo Memorial da Pandemia foi a contribuição de um saber baseado em fatos e nas experiências vividas durante o esforço para compreender a dinâmica dos acontecimentos, de forma a ser fonte em diferentes campos do conhecimento científico. Portanto, “este livro é a reunião das reflexões dos co-fundadores e dos resultados iniciais da coleção de registros pelo Memorial da Pandemia” (Diwan; Ferreira; Rossini; Teixeira, 2021, p. 22).

A principal proposta do Memorial tem como intenção valorizar a fala, a percepção e a experiência do cidadão comum. Destacando-se o:

[...] Cotidiano sob o lockdown, as mudanças nos hábitos educacionais e culturais, as transformações nos rituais fúnebres, as práticas preventivas e terapêuticas, e o dilema entre a esperança e o descrédito em relação à vacina gerados pela desinformação. [...] Propõe-se assegurar a integridade dos registros. (Diwan; Ferreira; Rossini; Teixeira, 2021, p. 20)

Historicamente, o conceito de patrimônio vem sofrendo transformações profundas, deixando de referir-se apenas às obras de “valor” artístico e histórico, cultuadas apenas como símbolos de uma identidade nacional. Ao longo do tempo o conceito vem se expandindo a sua abrangência, incorporando novas categorias: patrimônio imaterial ou intangível, patrimônio

mundial, patrimônio da humanidade, patrimônio natural, patrimônio digital, entre outros. No Brasil, temos o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) que é o órgão responsável por proteger e promover os bens culturais do País, assegurando sua permanência e usufruto para as gerações presentes e futuras. O IPHAN também responde pela conservação, salvaguarda e monitoramento dos bens culturais brasileiros inscritos na Lista do Patrimônio Mundial e na Lista o Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, conforme convenções da UNESCO, respectivamente, a Convenção do Patrimônio Mundial de 1972 e a Convenção do Patrimônio Cultural Imaterial de 2003.¹³

Para o autor Marc Guillaume, observa-se que a atual “febre” de preservação é algo relativamente recente para nós, pois historicamente para o brasileiro o que importava do passado não pertencia “[...] à ordem das coisas e do visível” (Guillaume, 2003, p. 34).

O Memorial da Pandemia veio do sujeito comum, como eu e você. Por surgir pela mobilização da comunidade, composto por Pietra Diwan, Alexandre Teixeira, Moisés Ferreira e Cyntia H Rossini, que atuam como professores, educadores e assessores na área de História e disciplinas correlacionadas. O seu acervo não poderia ser muito diferente. A curadoria compartilhada, ou do público, é composta por acervo fotográfico, de textos, audiovisuais ou outros tipos de documentação referente à pandemia da Covid-19, aqui não muito delimitada segundo a própria equipe. Seu acervo é separado em 7 coleções:

- Memorial da Pandemia (Acervo Principal);
- Coleção GEPHPSD - Grupo de Estudos e Pesquisa e História das Práticas da Saúde e da Doença;
- Coleção Cristina Person;
- Contagem Coronavírus Brasil;
- Coleção Raphael Alves
- Coleção Alma Puída | Instituto Angelim;
- Coleção Isadora Jochims.

¹³ INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Apresentação**, 23 nov. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/apresentacao>. Acesso em: 08 jul. 2023.

Os registros são submetidos de forma voluntária mediante um formulário via plataforma Google Forms (Figuras 2,3,4 e 5), onde o preenchimento é solicitado: e-mail, coleção a ser direcionada, nome completo, profissão, cidade/estado/país, um espaço para descrição, justificativa e importância do envio daquele documento. É informado sobre autorização e licença para publicação e opção de anonimato, também solicitada a escolha de categoria:

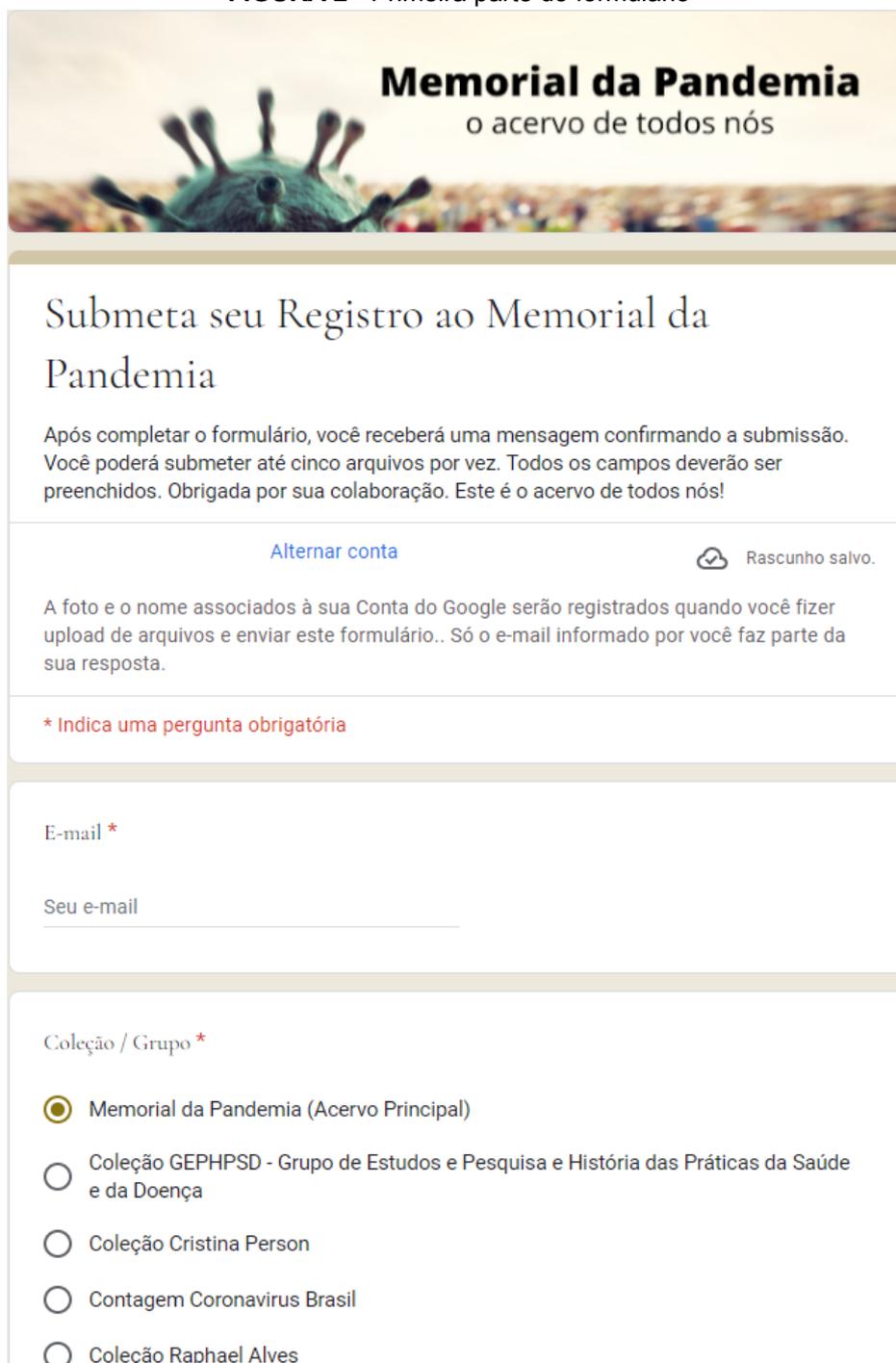
- Política;
- Lazer;
- Trabalho;
- Educação;
- Saúde;
- Vacinas;
- Dados e Estatísticas;
- Práticas do Isolamento;
- Rede de Solidariedade;
- Epitáfio (uma homenagem aos que se foram);
- Sobreviventes (sua experiência com a covid-19).

E o suporte de registro:

- Fotografia (.jpg 300dpis);
- Vídeo (60 segundos);
- Áudio / Depoimento;
- Entrevista;
- Texto escrito / Diário;
- Cópia de Documentação Oficial Médica, Corporativa ou Institucional;
- Print de Notícia publicada em mídia social ou grande imprensa.

Como exemplificadas nas seguintes imagens:

FIGURA 2 - Primeira parte do formulário



Memorial da Pandemia
o acervo de todos nós

Submeta seu Registro ao Memorial da Pandemia

Após completar o formulário, você receberá uma mensagem confirmando a submissão. Você poderá submeter até cinco arquivos por vez. Todos os campos deverão ser preenchidos. Obrigada por sua colaboração. Este é o acervo de todos nós!

[Alternar conta](#) 📁 Rascunho salvo.

A foto e o nome associados à sua Conta do Google serão registrados quando você fizer upload de arquivos e enviar este formulário.. Só o e-mail informado por você faz parte da sua resposta.

*** Indica uma pergunta obrigatória**

E-mail *

Seu e-mail _____

Coleção / Grupo *

- Memorial da Pandemia (Acervo Principal)
- Coleção GEPHPSD - Grupo de Estudos e Pesquisa e História das Práticas da Saúde e da Doença
- Coleção Cristina Person
- Contagem Coronavirus Brasil
- Coleção Raphael Alves

Fonte: MEMORIAL DA PANDEMIA (2020).

FIGURA 3 - Segunda parte do formulário

Coleção Alma Puída | Instituto Angelim

Coleção Isadora Jochims

Nome Completo / Full Name *

Sua resposta _____

Profissão / Profession *

Sua resposta _____

Cidade, Estado, País / City, State, Country *

Sua resposta _____

Categoria *

Política

Lazer

Trabalho

Educação

Saúde

Vacinas

Dados e Estatísticas

Práticas do Isolamento

Rede de Solidariedade

Fonte: MEMORIAL DA PANDEMIA (2020).

FIGURA 4 - Terceira parte do formulário

Epitáfio (uma homenagem aos que se foram)

Sobreviventes (sua experiência com a covid-19)

Suporte do Registro *

Fotografia (.jpg 300dpis)

Vídeo (60 segundos)

Audio / Depoimento

Entrevista

Texto escrito / Diário

Cópia de Documentação Oficial Médica, Corporativa ou Institucional

Print de Noticia publicada em mídia social ou grande imprensa

Descreva brevemente a importância desse(s) registro(s) para você: (sendo mais de um arquivo, descreva-os com mais detalhes possível) *

Sua resposta

Submeta seu registro aqui (até cinco arquivos): *

Próxima Página 1 de 2 Limpar formulário

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Google Formulários

Fonte: MEMORIAL DA PANDEMIA (2020).

FIGURA 5 - Quarta parte do formulário

Autorização e Licença de Publicação

Declaro, sob as penas da lei, que sou único autor do vídeo/foto/texto/áudio por este meio enviado e que, nesta condição, autorizo e licencio gratuitamente ao Memorial Pandemia a utilização do vídeo/foto/texto/áudio e/ou seus extratos em obra(s) audiovisual(is) ou quaisquer outras, que venha a produzir, em quaisquer formatos, inclusive em materiais de divulgação. Tal utilização, no contexto da(s) obra(s) a serem produzidas, não tem limitação de território, de número de vezes de exibição e de mídias, podendo ser exibidas, entre outros meios, em cinemas, televisão de todos os tipos, vídeo-on-demand, redes sociais e internet, e meio impresso todos sem limitação de prazo. Autorizo, nos mesmos termos, a utilização de minha imagem e voz caso presente no vídeo enviado.

O Memorial Pandemia garante que NÃO fará utilização do material enviado em contexto vexatório ou que viole quaisquer direitos fundamentais bem como JAMAIS utilizará em contexto de incitação à xenofobia, racismo, machismo, homofobia, ou qualquer tipo de linguagem de ódio e violência. Da mesma forma, o Memorial da Pandemia NÃO pretende fazer a exploração comercial deste material, destinando o seu uso à finalidade educacional ou cultural.

Concordo com o Termo de Autorização *

Sim

Não

Privacidade. Se desejar manter sua informação pessoal anônima selecione a opção abaixo: *

Sim, eu quero manter meu anonimato em publicações e divulgações.

Não desejo manter meu anonimato.

Uma cópia das suas respostas será enviada para o endereço de e-mail fornecido

[Voltar](#) [Enviar](#) Página 2 de 2 [Limpar formulário](#)

Fonte: MEMORIAL DA PANDEMIA (2020).

Para os criadores desse projeto foi através do formulário e das reuniões que aconteciam semanalmente, a urgência de se discutir as implicações da pandemia e atentos ao fato da intensa midiatização dos acontecimentos, que surgia a preocupação com o processo de documentação e memória. A partir de questões como: Quem são os produtores destes registros? De que forma serão

preservados estes documentos, sejam eles digitais ou não? Quais narrativas prevalecerão? Surgiu a ideia de iniciar um espaço de registros digitais alimentado por voluntários de diferentes setores da sociedade:

O acervo foi concebido com o intuito de coletar os registros pessoais das experiências vividas durante a pandemia. Através do preenchimento do formulário e dos termos de uso, os colaboradores submeteram textos, imagens, áudios e vídeos. (Diwan; Ferreira; Rossini; Teixeira, 2021, P. 103).

Esse acervo encontra um papel de guardião na dor e nas lembranças para desenvolver uma memória sobre a vida e não apenas sobre a dor da perda. As histórias relatadas, que fazem parte da composição geral desse acervo documental do Memorial da Pandemia, estão como o repositório dessas vidas, deixando de ser apenas um site banal, mas uma potência dentro desse Museu online, estabelecendo-se como um mediador de uma memória coletiva.

Quando pensamos na curadoria realizada no Memorial, ela desempenha um papel muito importante e inequívoco na produção cultural contemporânea. Dadas as múltiplas formas e conceitos que podem permear uma obra de arte e seu processo de produção, torna-se mais clara uma curadoria compartilhada à medida que os conceitos se vinculam e as interpretações se constroem participando do processo artístico. É mais do que apenas o trabalho de organizar acervo, ou formar coleções. Pensemos na trajetória do conceito de museu que convive intimamente com as transformações e ressignificações do conceito de patrimônio. O que num determinado momento é considerado “patrimônio”, é o que será selecionado para existir no espaço do museu. Aqui, o patrimônio é a nossa preciosa memória. Se o patrimônio, por exemplo, está identificado com bens representativos de uma nação, então o museu cumprirá seu papel de salvaguardar esses bens e ser um instrumento de elaboração e consolidação de uma identidade nacional.

Para o autor Marc Guillaume (1980, p. 89), tudo é patrimônio e tudo deve ser preservado – não só os vestígios do passado, mas também o que é atual, pois o presente será o “passado” de amanhã. A transmissão desse simbolismo não é mais uma ação aleatória, mas sim uma ação intencional.

Desse modo, a preservação patrimonial não é mais apenas uma nostalgia do que já vivemos, é gerada pela luta contra o apagamento da

memória. A preservação dos nossos vestígios materiais tem a função de nos proteger do fato de que o tempo e as incertezas do futuro alteram o significado atribuído um dia por nós.

Em exemplo, em 15 de fevereiro de 2022 o Senado Brasileiro inaugurou um Memorial em homenagem às vítimas da Covid-19.¹⁴ Este foi a tentativa e lembrança das quase 704 mil vítimas¹⁵, as críticas à condução do governo no combate à pandemia e à valorização das vacinas e da ciência. O memorial esteve localizado na parte superior do Auditório Petrônio Portela, reuniu 27 prismas de mármore, representando as unidades da Federação. Os prismas eram iluminados internamente e simbolizavam velas em honra das vítimas da doença no Brasil.

No entanto, o Memorial da Covid-19 do Senado, por mais importante e bem-intencionado, não empenhou todo o potencial que poderia. Seja pelo difícil acesso, pois quantos de nós realmente podemos acessá-lo? Será que de todos os meios possíveis que poderiam ser adotados, realizar um memorial dentro do Senado era a melhor opção?

A sensação deixada foi de que talvez a ideia não partisse da tentativa de partilhar dessa informação, mas de que seu papel foi “desempenhado” ao lembrar do acontecido. Aqui, como os outros exemplos já mencionados e que ainda serão ao longo deste trabalho, utilizados de espaços virtuais mencionados, talvez o digital fosse o meio com maior potencial para atingir a todos. Esse deveria ser de fato o objetivo principal, que nos sensibilizasse, que nos fizesse sermos ouvidos e acolhidos sob um acontecimento tão delicado.

Cabe, assim como o já o fez Ulpiano Meneses (1998, p. 99): quando sinalizava que uma vez superado o dilema entre relíquia (objeto histórico) *versus* o artefato (objeto atravessado pela teia de relações simbólicas internas e externas ao museu), interrogar que alternativa cabe a esses lugares de memória, aos museus, nesses casos específicos, aos museus digitais e

¹⁴ SOUZA, Renato. Senado inaugura memorial em homenagem às vítimas da Covid-19 no Brasil. **CNN Brasil**, 15 fev. 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/senado-inaugura-memorial-em-homenagem-as-vitimas-da-covid-19-no-brasil/>>. Acesso em: 30 jun. 2023.

¹⁵CORONAVÍRUS BRASIL. **Painel**. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br>>. Acesso em: 30 jun. 2023.

obituários virtuais da pandemia enquanto lugares para a reinvenção das narrativas sobre as memórias e histórias das pessoas que perdemos. Será preciso abandonar a noção superficial que tínhamos de museu e lugares de memória como conjunto de coleções delimitadas e hierarquizadas, para uma nova ideia, de um espaço completamente novo e complexo, atravessado por múltiplos universos de possibilidades e meios de acesso. Portanto, o papel do Memorial da Pandemia, assim como muitos outros memoriais criados diante desse cenário global, tem se configurado para nós, como pesquisadores interessados, no difícil trabalho de organizar a memória social e coletiva de um evento traumático de dimensão universal.

Para melhor entendermos, há diferença entre essas duas vertentes: a memória social é entendida como límpida e acessível a todos os indivíduos pertencentes a um grupo social. Memórias “coletivas” compartilhadas são caracterizadas como memórias que as pessoas teriam sobre si mesmas sem serem elaboradas, discutidas ou praticadas coletivamente. O conceito foi desenvolvido em primeira instância pelo sociólogo francês Maurice Halbwachs (1877-1945), cujas ideias foram condensadas em sua obra “*A Memória Coletiva*”, publicada em 1950. Para Jô Gondar (2008):

Pensar a memória é como relação abre a possibilidade de que a partir de uma nova situação ou um novo encontro –como pretende ser a situação analítica, por exemplo –o passado possa ser tanto recordado quanto reinventado. Desse modo, a história de um sujeito, individual ou coletiva, pode ser a história dos diferentes sentidos que emergem em suas relações. Ou, de outro modo: abre-se a possibilidade de que a memória, ao invés de ser recuperada ou resgatada, possa ser criada e recriada, a partir dos novos sentidos que a todo tempo se produzem tanto para os sujeitos individuais quanto para os coletivos –já que todos eles são sujeitos sociais. A polissemia da memória, que poderia ser seu ponto falho, é justamente a sua riqueza. (Gondar, 2008, p.5)

Como evidenciamos, a diferença entre memória coletiva e memória social é que a primeira está mais preocupada com a experiência de um determinado fenômeno por um grupo social do que com a reconstrução dos fatos que o compõem. Nesse sentido, centra-se nos indivíduos com experiências particulares e em como constroem uma identidade comum a partir delas. Para quando pensamos nesses espaços criados virtualmente a abordar essas questões, pois uma das maneiras de o Museu se manifestar é através das tecnologias digitais, especialmente através da Internet.

Se entendermos a Internet - constituída por uma rede de computadores distribuídos mundialmente (e, por isso, fazendo uso de hardware e software) - como meio de transmitir informação, algumas considerações merecem destaque. Seria o meio de manifestação do Museu (via Internet) o seu qualificador enquanto digital ou virtual? Quando se constrói um texto utilizando os dispositivos computacionais - sejam programas ou hardwares - o processo de construção (restrito a um computador ou na Internet) é aleatório, podendo se dar de formas diversas, quase infinitas. Já a codificação do texto pela perspectiva dos dispositivos computacionais é algo contido, calculável, uma vez que a informática "não oferece senão uma combinatória, ainda que infinita, e jamais um campo problemático". Aqui, o que se tem é o digital. (Magaldi, Scheiner, 2010, P.4)

Como apontado pelas autoras, a possibilidade de pensar o Museu para além da fisicalidade, permite que o campo da Museologia direcione para análise e o debate das múltiplas possibilidades e experiências oferecidas pelo meio digital. Nomear como virtual uma determinada manifestação do fenômeno Museu é entender como uma nova ferramenta. O virtual está presente em todos os meios, ele não deve ser visto como inimigo, mas sim como uma ferramenta dos museus. Enquanto "um evento, um acontecimento, uma eclosão da mente ou dos sentidos, (...) instância de presentificação dos novos modos pelos quais o homem vê o mundo". (Magaldi; Scheiner, p.22) nos provoca a compreender, mais que classificar, esses novos museus, chamados 'virtuais', como ambientes de plena transformação.

Um exemplo é o *Museu das Memórias (In)possíveis*, ao qual sua proposta é para que cada exposição do museu traga um questionamento a respeito do nosso espaço público, partindo de: "Como vivemos? Quem adoecemos? Quem são aqueles sem nomes relegados às margens da cidade? Quem são os que podem morrer "sem deixar rastro"?" Este se autointitula um museu de memórias difíceis, um museu de memórias subterrâneas. O Museu segundo seu site, é Museu das Memórias (In)Possíveis do Instituto APPOA – clínica, intervenção e pesquisa em psicanálise é "um museu virtual que musealiza objetos de qualquer ordem: fotografias, sonhos, testemunhos... objetos que viabilizam a inscrição, no espaço público, de memórias subterrâneas e de memórias difíceis na memória coletiva".

O Museu das Memórias (In)Possíveis é um museu virtual locado no ciberespaço com potência de levantar proposições ao campo da memória e do

patrimônio. “As exposições do Museu são narrativas de resistência da memória que não quer ser apagada”. Sobre o (In)Possível:

O (In)Possível com “N” não é por acaso, já que a palavra “impossível” (com M) não diz tudo o que gostaríamos de transmitir. Então inventamos outra palavra, uma que não existe no dicionário, mas que introduz a ideia moebiana de possível e de impossível ao mesmo tempo. Quando tiramos o M e colocamos o N, introduzimos dentro desse binário possível-impossível o (in)consciente, o (in)dizível. Com isso, tentamos enfatizar não o que está em plena luz do dia do nosso tempo, mas as sombras ao redor... Como nos ensina Giorgio Agamben, “Contemporâneo é, justamente aquele que sabe ver a obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente. (...) Pode dizer-se contemporâneo apenas quem não se deixa cegar pelas luzes do século e consegue entrever nessas a parte da sombra, a sua íntima obscuridade” (Museu Das Memórias [...], 2023).

Por ser um museu de tipologia virtual, suas narrativas, memórias e histórias são preservados através da conservação e exposição do registro em meio digitalizado e a digitalização de objetos que ancoram tais memórias são sempre acompanhados de uma narrativa, expressão imaterial de grupos e indivíduos.

Em seu artigo Movimento Internacional De Virtualização Da Memória E Interfaceamento Da Cultura (2018), Priscila Chagas Oliveira aborda os Museus do Meme e Museu das Coisas Banais, comparando-os com uma mudança de pensamento e atitude que está exigindo das instituições de memória uma compreensão mais desenvolvida dos fenômenos atuais da cultura digital e cibercultura:

[...] Percebemos em suas missões um objetivo em comum: a democratização do acesso à cultura e a preservação e a valorização da memória registrada em acervos visuais e documentais. A fim de se chegar a essa missão, diversos instrumentos legais são criados, na intenção de salvaguardar os patrimônios culturais: tombamento, inventário e registro, que podem se dar através de órgãos vinculados ao Estado ou de caráter privado. Em todos os casos, a digitalização e a informatização dos seus sistemas de documentação é a melhor estratégia para a gestão, a preservação e a socialização eficientes dos acervos. (Oliveira, 2018, p.16)

Assim, compreende-se que os sites de instituições de memória e patrimônio, como os citados *Museu do Meme* e *Museu das Coisas Banais*, além de se aventurarem dentro do contexto tecnológico da cultura digital atual, também estão presentes dentro da cibercultura e do universo das redes

sociais. Isso faz com que os museus não sejam acessíveis apenas em espaços físicos, mas também em ambiente virtual:

O movimento de virtualização da memória e interfaceamento da cultura lançam na web um número considerável de objetos que, nativos ou digitalizados, se constituem na recente categoria do campo patrimonial: "patrimônios digitais", indicando, ao mesmo tempo, novos fenômenos museais. Essa memória virtualizada vai dividir espaço então com as coleções físicas dos clássicos lugares de memória, estabelecendo uma cadeia causal cognitiva entre indivíduos, grupos, passado, presente e futuro. (Oliveira, 2018, p.20)

Ainda para Oliveira e Nunes no artigo intitulado *Interfaces da Memória Social: museus, virtualidades e atualidades (2017)* a antiga definição de lugar de memória hoje divide espaço com novos formatos de coleções, o que os autores intitulam como "interfaces da memória social". As novas definições dos lugares de memória reconhecidos por Pierre Nora (1993, p. 21), que antes selecionavam memórias e geriam o conhecimento, dividem agora espaço atualmente com os acervos digitais, cibermuseus e mídias sociais.

Portanto, os cibermuseus e memoriais virtuais, como do luto e das perdas, como o Memorial da Pandemia e o Museu das Memórias (In)Possíveis, tornam-se, espaço de trânsito, de encontros virtuais, de homenagem e afirmação de passados, memórias e desejo de futuro. E, também, cenário para ação didática, incentivando a partilha de narrativas sobre como vivemos nosso tempo e como desejamos ser lembrados em nossos pertencimentos, identidades e afetos.

4 MEMÓRIA E LUTO NA PANDEMIA: EM BUSCA DE UMA MEMÓRIA COLETIVA

Ao pensarmos na proposta do Memorial da Pandemia, precisamos partir do conceito de *memória traumática*. Esta é a face de maior força em nossos tempos, herança de conflitos e violências que assolaram o século passado e não poderiam desaparecer no atual. Estão presentes no nosso dia a dia e de forma imprevisível no nosso futuro também. Para Ulpiano T. Bezerra de Meneses (2018, p. 2): “A memória tem passado e presente, a memória tem história”.

A dor evocada e as mudanças imprevisíveis causadas pela pandemia no processo de cada indivíduo em sentir o pesar do luto, é o que tem potencial e intensifica a função da história oral.

Não podemos deixar de mencionar o luto. Descrevemos o luto como um estado emocional específico que se inicia com uma ameaça ou ruptura de um vínculo amoroso, e o caracterizamos como um período de enfrentamento da dor da perda. É importante ressaltar que o luto é um processo pessoal e único. Ou seja, só quem já passou pela situação de perda consegue entender o que isso significa e o quanto dói, pois cada sujeito reage à tristeza à sua maneira. Não existe uma receita que ensine a lidar com as emoções que as emoções causam e que funcione igualmente bem para todos. Algumas pessoas enfrentam a perda sozinhas, contando com a ajuda da família, dos amigos e da fé. Algumas pessoas precisam de ajuda especial, como um psicólogo, mas isso não é errado, não é feio, não é sinal de fraqueza. No entanto, durante a quarentena e todo o período de isolamento, o processo do luto se tornou rotina.

Dessa forma, não é mais sobre quem partiu, mas sobre a lembrança e a zona do não-expressado, não-dito dos que ficaram. Entendendo a função de “não-dito” expressada por Michael Pollak (1989, p. 8) que define como sendo:

Por conseguinte, existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, “não-ditos”. As fronteiras desses silêncios e “não-ditos” com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento.

De acordo com Pollak, a construção do discurso do silêncio são os elementos que mantêm relações entre a dor e a angústia, que não consegue

compreender e nem achar as formas de expressar a situação adversa em que se encontra, mas sente-se punido pela pessoa que lhe foi tirada, num processo e contexto cruel e tão repentino quanto a pandemia. É essa função do falar e do rememorar, neste ponto que entra a história oral. E quando pensamos no papel dos memoriais: Para Meneses (2018, p. 6):

O museu (sempre se soube) tem entre suas principais aptidões a de articular o cognitivo ao afetivo, o que aumenta exponencialmente a eficácia de sua atuação. Afeto e emoção são palavras que participam do mesmo campo semântico, associado a movimento. Ad-factum, vem de ad-facere, girar, tocar; *emotio* se conecta a *emotus*, do verbo *movere*, mover. Portando o museu tem o condão não apenas de dar a conhecer, informar, educar, etc., mas de mover os indivíduos, tocá-los, empurrá-los.

O papel do Memorial da Pandemia, conseqüentemente, é o de questionar e de problematizar, interpretando e registrando as memórias tanto em termos individuais quanto coletivos. Isso decorre do fato de uma construção de memória coletiva, no entanto, seu conceito:

Memorial não é um museu, não é abrigado em sentido estrito pelo conceito – no sentido de que é incorreto chamarmos indistintamente Memorial de Museu, ou de que possamos concebê-los funcionando da mesma maneira. É que não se tratam de “estabelecimentos administrados no interesse geral” como o Conselho Internacional de Museus propôs em Paris, em 1957, pois atende a interesses específicos de divulgação, conservação e valorização de uma memória específica de uma determinada instituição. (Barcellos, 1999, p. 9).

Ao analisarmos essa definição, podemos dizer que os registros feitos e que ainda são obtidos pelo Memorial são a construção de uma memória coletiva. A particularidade desses registros é tratar de uma memória específica para uma determinada comunidade. Já Pierre Nora, identifica as memórias coletivas como sendo “[...] o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado” (Nora apud Le Goff, 2003, p. 407). A sua ideia nos remete à importância do monumento, esse tido como “o que fica do passado no vivido dos grupos” e do documento como “o que os grupos fazem do passado” - para a interpretação, reinterpretação e compreensão das memórias que no presente permanecem sendo o que são pela abordagem que recebem para o futuro. Ainda para Nora (1993, p. 9):

[...] A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações

sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado.

Ou seja, para Nora, a memória é sempre suspeita para a história, sempre colocada em xeque, seja em razões de censura ou projeções. A história está atrelada a um discurso crítico. Em suas palavras, “a história pertence a todos e a ninguém” (Nora, 1993, p.9).

Em *Memória e Identidade*, Joel Candau visita algumas das ideias expostas no *Anthropologie de la Memoiré*, sobre as relações entre memória e identidade, quando afirma que:

[...] não pode haver identidade sem memória (assim como lembrança e esquecimento) porque somente esta permite a autoconsciência da duração. [...], por outro lado, não pode haver memória sem identidade, pois o estabelecimento de relações entre estados sucessivos do sujeito é impossível se este não tem *a priori* um conhecimento de que esta cadeia de sequências temporais pode ter significado para ele. (Candau¹⁶, apud Silva, 2008, p. 397)

Como podemos ver, a relação entre identidade e memória é introduzida de forma que a identidade se revela como um relato, como um discurso do sujeito projetado como voz representativa de um determinado grupo, em uma abordagem sob três vertentes: a origem do acontecimento lembrado, o contexto paralelo do acontecimento mencionado e o contexto paralelo da recordação. Tais processos, ocorrendo no âmbito coletivo, emergindo na convergência de imagem e linguagem, são responsáveis pela totalidade existencial. Trata-se da manutenção tanto de memórias que visam criar marcos firmes que reforçam o lugar de origem, a historicidade e o sentimento de pertencimento, quanto de memórias que se diluem e fragmentam com as mudanças de identidades e a difusão de novas identidades.

Partindo da premissa documental do Memorial da Pandemia, as imagens fotográficas registradas no site, por exemplo, então compreendidas como documento, é a materialização de uma experiência que foi vivida, que está sendo e que poderá ser vivida, revelar aspectos do cotidiano, tempo e espaço de grupos específicos. O memorial não tem pretensão de reviver

¹⁶ CANDAU, Joel **Memoria e Identidad**. Buenos Aires: Ediciones Del Sol, 2008.

passado distante, mas o dia a dia. Representar, e ser meio de interpretação no presente. Por exemplo, a representação das imagens selecionadas, vistas através do olhar de uma fotografia, representa o motivo de escolha pessoal de quem as produz, e seu pano de fundo, e nos apresenta a elas através da lente utilizada para tal registro. Trazendo um sentido coletivo de imersão na realidade.

Para Maurice Halbwachs¹⁷ (apud Silva, 2016, p. 248), entendemos que provavelmente estamos experimentando eventos e vendo objetos que só nós vimos, mas nossas memórias são coletivas e não podem ser alteradas por outras pessoas. Por que, como afirma o autor, nós os carregamos conosco em nossos pensamentos, mesmo que outros não estejam fisicamente presentes, por isso nunca estamos sozinhos.

Mas não basta que os outros evoquem acontecimentos passados para poderem evocá-los no futuro. Para transformar todos esses testemunhos externos em uma massa coerente de memória, o indivíduo precisa carregar alguma semente de memória:

Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (Halbwachs apud Silva, 2016, p. 249).

É por isso que o papel do Memorial é tão importante. Por que mesmo que não nos lembremos dos acontecimentos, eles sendo contados por pessoas que estiveram lá como nós e vivenciaram, podemos dizer que a ligação entre nós não aconteceu por acaso. Só podemos falar de memória coletiva quando recordamos um acontecimento ocorrido na vida do nosso grupo, neste caso no contexto de uma pandemia, numa comunidade afetada pela Covid-19, e “temos em mente que manter e divulgar um acervo documental permite que preservemos nossa cultura, nossa percepção de mundo e principalmente

¹⁷HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 2. ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/viewFile/59252/38241>. Último Acesso em: 08 jul 2023.

garante o elo entre o passado, o presente e o futuro” (Diwan; Ferreira; Rossini; Teixeira, 2021, p.107)

Joel Candau em sua obra *Memória e Identidade* (2011), nos traz que memória e identidade são ideias centralizadas nas teorias clássicas das ciências humanas e sociais, presentes em ponderações de diferentes áreas e orientações teóricas, como nas análises da memória e/ou da identidade por diferentes autores. O trabalho de Candau apresenta as obras de Maurice Halbwachs: *A Memória Coletiva*¹⁸ e Pierre Nora: *Les Lieux de mémoire*¹⁹ centralizam sua reflexão ao longo do texto e enfrentam o desafio de refletir sobre algumas dessas contribuições e propor o enriquecimento das relações entre esses dois temas, que sofrem constantes reavaliações e questionamentos, em um amplo diálogo com as diferentes áreas do conhecimento. É colocado em xeque a capacidade da memória ser produtora de uma identidade, que promove as relações sociais envolvidas nesse processo, conforme afirma Candau (2011, p. 78).

É no mesmo movimento dialético que a memória vem confortar ou enfraquecer as representações identitárias, e estas vêm reforçar ou enfraquecer a memória. [...] esse trabalho de memória é coletivo desde a sua origem, pois se manifesta no tecido das imagens e da linguagem que devemos à sociedade e que nos vai permitir dar uma ordem ao mundo.

Neste sentido, quando Candau formaliza a concepção de imagens como contexto de suporte da memória e pode ser oriunda, e sobre o quanto trata da percepção consciente no quadro de amparo às memórias. Isso significa que “perceber consiste, portanto, em suma, em condensar períodos enormes de uma existência infinitamente diluída em alguns momentos mais diferenciados de uma vida mais intensa, e em resumir, assim, uma história muito longa. Perceber significa imobilizar” (Bergson, 1999, p. 244). Nesta perspectiva, tratando o tempo como um importante aspecto no processo identitário.

Ao utilizar o estudo e construção de memória neste trabalho de pesquisa, é interessante refletir o porquê da escolha sobre abordar esse tema. Nessas circunstâncias, a busca constante por identidades esquecidas, ou

¹⁸ HALBWACHS, Maurice. *Les Cadres Sociaux de la Mémoire*. Paris: Albin Michel, 1925 e 1994, 340p., posfácio de Gérard Namer.

¹⁹ NORA, Pierre. **Entre mémoire et histoire**: la problématique des lieux. IN Pierre Nora (org). *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1984.

identidades que precisam ser criadas, não é apenas um esforço intenso para lembrar de reconhecê-las, mas os processos inerentes a esse reconhecimento. Portanto, a mente gerada pelos fenômenos sociais, que também serve como força motriz para a formação da identidade, é importante. Todas as fontes de significado, seja a construção de identidades ou suas memórias, vêm da sociedade.

A memória é comumente pensada como um repositório de informações, conhecimentos e experiências com mecanismos de caracterização, registro e retenção. Também se costuma dizer que as memórias, como os objetos, estão sujeitas ao desgaste. Portanto, é necessário não apenas preservar a memória, mas também restaurar sua integridade original. No entanto:

[...] nem a memória pode ser confundida com seus vetores e referências objetivas, nem há como considerar que sua substância é redutível a um pacote de recordações, já previsto e acabado. Ao Inverso, ela é um processo permanente de construção e reconstrução, um trabalho. (Meneses, 1992, p.10).

A memória como construção social é a formação de imagens necessárias ao processo de constituição e reforço das identidades individuais e coletivas. Não se confunde com a história, que é uma forma intelectual de conhecimento. A memória, ao invés disso, ainda para Meneses (1992, p. 22):

[...] é operação ideológica, processo psico-social de representação de si próprio, que reorganiza simbolicamente o universo das pessoas, das coisas, imagens e relações, pelas legitimações que produz. A memória fornece quadros de orientação, de assimilação do novo, códigos para classificação e para o intercâmbio social.

Desse ponto de vista, percebe-se que, de fato, há muitos benefícios quando o estudo da memória é feito no âmbito das representações sociais, como é o caso do Memorial. A memória é a base das narrativas de vida. Pelas memórias aprendemos e por meio das nossas memórias individuais formamos nossa identidade como ser único. A memória, por meio da criação de narrativas, é o que permite a imaginação de futuros e a recepção do passado no presente.

5 ANÁLISE DAS IMAGENS: A IMAGEM COMO DOCUMENTO

As imagens por si só não atuam sozinhas quando o assunto é produção de sentidos. Segundo Berger e Luckmann (1985, p. 38-41), o mundo do cotidiano é resultado da interação simbólica entre os sujeitos, sendo esta troca produzida e sustentada pela comunicação, tornando o que conhecemos como “realidade” e “real” construções sociais a partir do uso e (re) criação da linguagem. No entanto, não vivemos em um mundo único, mas em vários mundos que coexistem e são produzidos por nós: criamos, sonhamos e reproduzimos mundos e os entendimentos e sentidos a eles conectados. Poderíamos citar o “mundo dos sonhos, do fantástico, das brincadeiras infantis, da religião, da mitologia, da contemplação científica, da política, do mundo da arte ou da experiência estética. Cada mundo, enquanto se está focado nele, é real segundo o seu próprio estilo. [...] Esses mundos não são considerados como se existissem diferentemente entre si, mas são experimentados e acessados de diversas maneiras” (Hanke, 2017, p.110).

A presente sessão será dividida em 4 grupos de análises, sendo elas: **DESLOCAMENTOS, O NOVO NORMAL, DESENCONTROS e A LUZ NO FIM DO TÚNEL**. Todas as imagens selecionadas convergem entre si, acompanham o alfabeto numérico de catalogação própria atribuída pelo Memorial e descrições dos autores, menos a Figura 8. Cada imagem foi produzida por autores diversos e servirá de reflexão, pois não podemos deixar de mencionar que a simbologia e significados na necessidade de se retratar uma vivência do cotidiano em uma foto, e que para Meneses (2003), a cultura material teria que ser estudada não como o conjunto de coisas e contextos materiais de que se serve o homem na sua vida social, mas como a dimensão física, empírica, sensorial, corporal, da produção/reprodução social. Isto é, para melhor atender a seus propósitos e responsabilidades, amplie seu horizonte de ação e seu instrumental, deixando de amputar da vida social e das forças de transformação histórica uma faixa relevante de fenômenos, para adentrar uma História vigente.

Quando pensamos no significado de uma imagem, pensamos em quando e onde uma determinada fotografia foi tirada, o que foi fotografado ali, que tipo de evento ocorreu e como o sujeito e o objeto estão relacionados. O

que estamos realmente tentando interpretar e entender quando nos perguntamos: O que esta foto significa para nós? Usamos recursos semióticos para entender e criar significado. Partimos daqui para a tríade semiótica, dividida por: ícone, índice, símbolo. As fotografias do acervo são indícios de um passado traumático que ainda ressoa em nossos sentimentos e se tornará parte da memória coletiva desse evento. Da mesma forma, todo o acervo cria uma simbologia em torno da pandemia de covid. A máscara, por exemplo, se destaca como um ícone desse momento histórico.

O terror do esquecimento que a morte pode nos provocar, justificam toda prática empregada na eterna busca pela preservação da eternidade e da memória. Passamos a utilizar novos meios de tentar imortalizar, como fotografias e itens pessoais, mas seu significado permanece essencialmente o mesmo, representando um desejo eterno de preencher o vazio deixado pela morte.

Questões referentes a essa interessante relação entre as imagens e o indivíduo em sociedade ainda esperam por mais investigação. A história visual contribuiu para que compreendêssemos que, estudar a dimensão visual da sociedade tem que incluir o lugar da visualidade entre os demais sentidos (Meneses, 2005).

É incrível como uma imagem, ao mesmo tempo que permite toda uma interação e troca, pode ser modificada criativamente por meio desse encontro. Toda forma de linguagem se transforma quando utilizada em processos comunicativos, pois esses, em sua dimensão reflexiva, criam situações interacionais nas quais “não existe experiência do mundo sem mediação da linguagem e a linguagem é inevitavelmente sempre uma maquiagem do mundo” (Rodrigues, 2000, p.2). Assim, pode-se dizer que a imagem é mediadora entre o mundo e o que se quer dizer.

5.1 Deslocamentos

As imagens selecionadas nesta sessão dialogam com o caminho percorrido pelas ruas do Brasil durante a pandemia. Durante a quarentena, a circulação era menor do que estivemos acostumados, não enfrentamos

engarrafamentos, filas de ônibus ou ruas nos grandes centros abarrotadas de pessoas circulando. Era tudo tão silencioso que chegava a ser assustador, como um vulcão adormecido.

Ao visualizar o acervo do Memorial, seja o público no site ou o disponível no seu livro, é possível perceber a urgência dos relatos que para nós são muito comuns, nosso dia-a-dia frente a lente de uma câmera. Desta forma, a técnica utilizada, por se tratar de um meio da linguagem atrelada à cultura, a fotografia fornece aos indivíduos um sistema de categorização para a compreensão de suas experiências e para a continuidade de seus projetos reflexivos. Ela não apenas descreve e "traduz" a experiência do sujeito com a realidade, incluindo as subjetivas (fantasia e memórias), mas também ajuda a representar uma realidade. Como podemos ver nas Figuras 6 e 7:

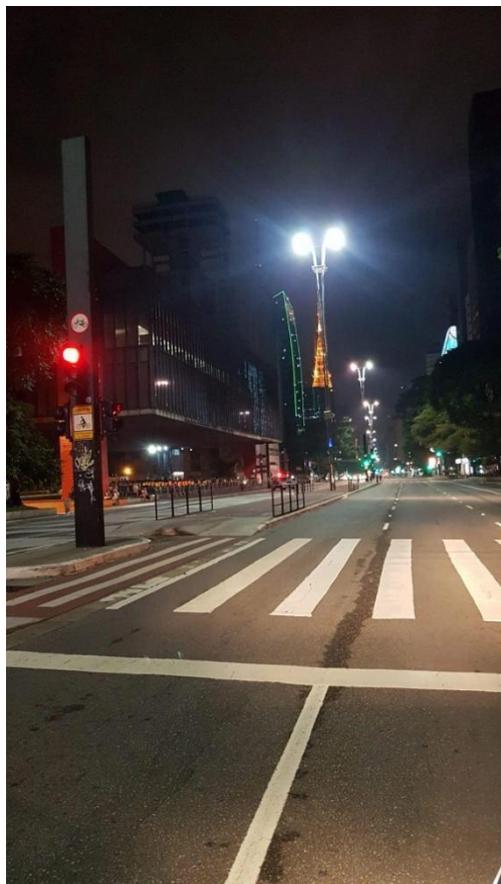
FIGURA 6 - Registro de lazer



Fonte: Ivan Balista para o acervo público do Memorial da Pandemia (2020)

Nota: a placa está numa região turística. É necessário deixar claro que as pessoas precisam se cuidar e preservar os demais. (MP-I-13)

FIGURA 7 - Pelas ruas de São Paulo



Fonte: Igor Gonçalves Costa para o acervo público do Memorial da Pandemia (2020)
Nota: Frente do Museu de Arte de São Paulo às 2h30 do dia 01/01/2021. [MP-I-30]

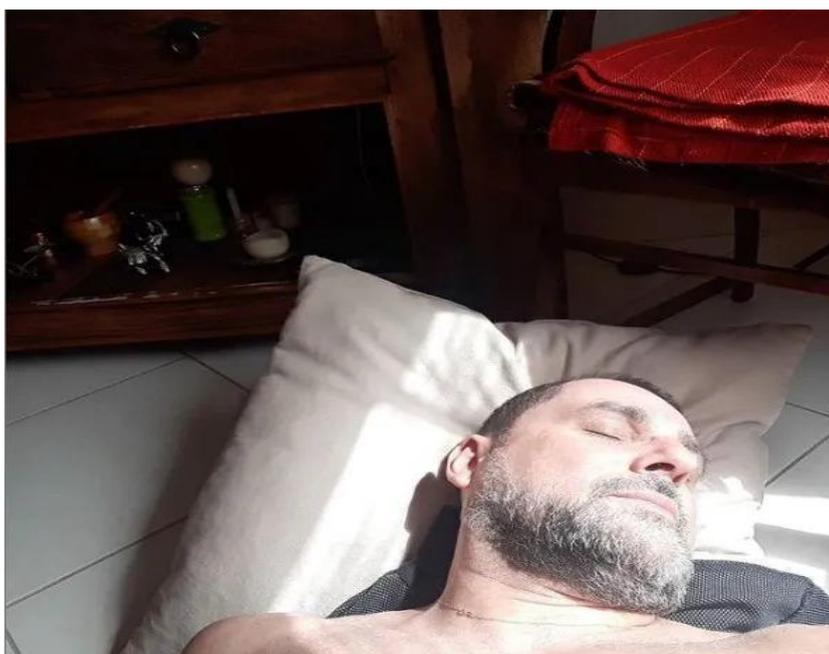
Como visto nas Figuras 6 e 7, a necessidade crescente dos registros, sendo “[...] a fotografia revoluciona a memória, multiplicando-a e democratizando-a, dando uma precisão e uma verdade que permite guardar a memória do tempo e da evolução da sociedade” (Le Goff, 2003, p. 460). Através das lentes do outro é possível vislumbrar o que seus olhos veem, cada clique e flash correspondem a uma batida do coração, nos permitindo sintonizar. Nunca antes estivemos tão próximos a uma única vontade: memorizar.

5.2 O Novo Normal

Nossa rotina foi se adequando às nossas limitações. Limitações essas impostas pela nossa própria segurança, muitas vezes interpretada como prisão. Nessa sessão discutiremos a nova rotina e hábitos adotados durante a Pandemia.

Desde a pré-história o ser humano precisou se adaptar ao ambiente que vivia, seja através do desenvolvimento de técnicas para a sobrevivência, como dominar o fogo ou objetos para caça, ou aprendendo o plantio. Desde sempre precisamos nos adaptar ao mundo à nossa volta e, por muito, tentamos fazer com que graças à tecnologia, finalmente deixamos de peregrinar e criamos morada em um lugar. A Covid-19 fez com que criássemos novos *hobbies* ou permitiu desenvolver os que já tínhamos, até um belo cochilo renovador de energias (Figura 8), nossa paisagem também mudou e nossos varais agora também tinham como itens indispensáveis as máscaras reutilizáveis de tecido (Figura 9). Tivemos tempo de olhar, observar e admirar. O dia-a-dia agitado da cidade muitas vezes nos impede de realmente ver o que temos ao nosso redor, a beleza das luzes, o entardecer (Figura 10), ouvir o barulho das ondas e por fim, agradecer. Aprendemos a ser gratos por cada dia.

FIGURA 8 - Novas práticas de isolamento



Fonte: Alexandre Francisco Silva Teixeira para o acervo público do Memorial da Pandemia (2020)

FIGURA 9 - Novos hábitos

Fonte: Giovanna Emanuela Avino para o acervo público do Memorial da Pandemia
Nota: novos hábitos fazem parte das nossas vidas, já nos acostumamos com essa rotina da preocupação/medo. (MP-I-02)

FIGURA 10 - Lazer e turismo

Fonte: Alexandre Francisco Silva Teixeira para o acervo público do Memorial da Pandemia
Nota: meu companheiro durante uma viagem para Ilhabela, píer do Cabaraú, a única saída durante a viagem de 3 dias, fizemos todas as refeições na casa que alugamos. (MP-I-37)

As três figuras dessa sessão (8, 9 e 10) carregam em suas simbologias, além da readaptação que passamos, um sentimento compartilhado: medo. Toda precaução tomada seria pouco para o grau de severidade da doença que era a Covid-19. É preocupante não enxergar o que tem potencial para levar a óbito tantos, como eu e você, que carregamos sonhos e pessoas que não queremos perder, que não nos percam também. Acabamos todos por fazermos parte de algo que seria imensurável, nos adaptando, reinventando, vivendo um dia de cada vez. Através das figuras vistas até aqui, vimos que a fotografia como símbolo trata-se da transmutação do real. A fotografia como símbolo é aquela sobre a qual ressignificam elementos como cultura, sociedade, e até mesmo beleza, nada mais é que uma representação.

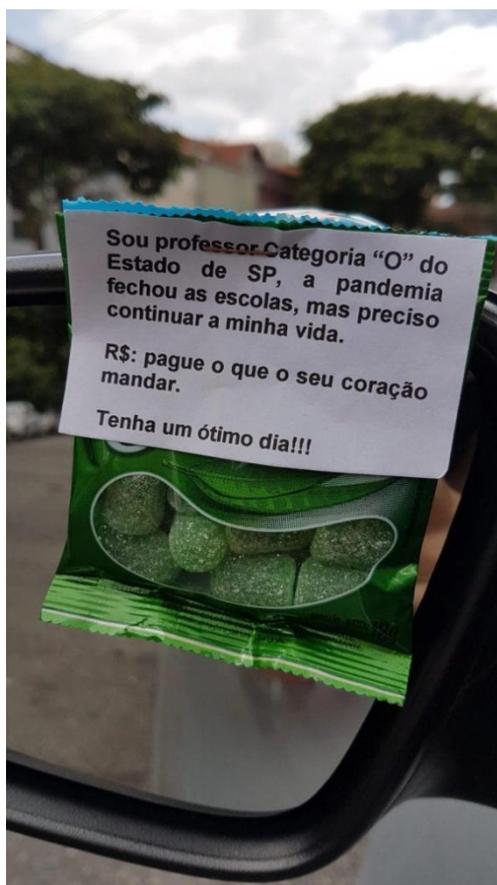
5.3 Desencontros

Memórias e lembranças são nada menos que o reflexo dos desejos e expectativas de quem deseja perpetuá-las. Porque eles geralmente decidem como as memórias são assinadas e qual mensagem é transmitida. A fotografia serve como um substituto para a existência de algo que não existe mais, afinal, agora virou passado um segundo atrás.

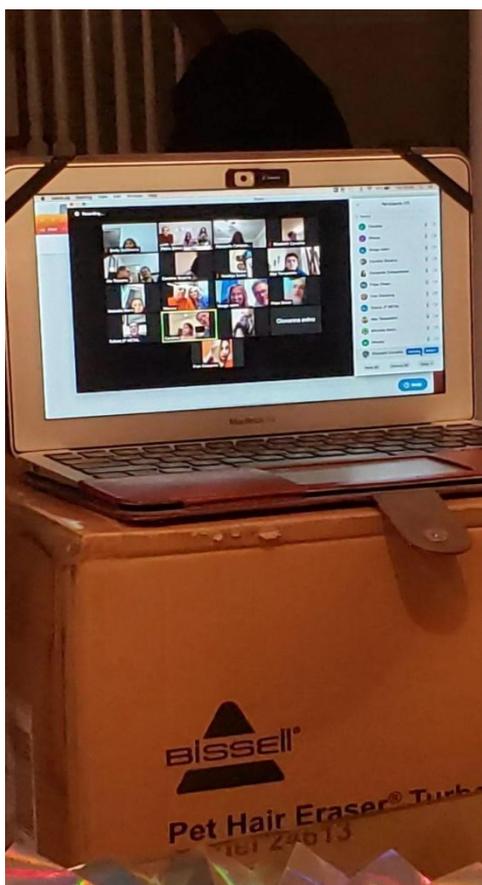
Em **Desencontros**, abordaremos as imagens que mais exemplificam nossa passagem de um inverno sem previsão de acabar, resultando na falta de calor humano. O distanciamento e o isolamento social, introduzidos como medidas epidemiológicas de combate ao coronavírus tiveram um impacto negativo na saúde mental da população, com predominância em alterações de humor e sintomas psicossomáticos de ansiedade. Fatores relacionados à duração das restrições sociais como o risco de contágio, medo, instabilidade financeira, o desemprego e limitações alimentares, foram entre muitos os principais impulsionadores do temor.

Nas seguintes imagens nos deparamos três tipos de desencontros: A luta, não somente contra o desemprego, como na Figura 11, com a solidão na Figura 12 e com a espiritualidade na Figura 13:

FIGURA 11 - Trabalho



Fonte Cyntia H. Rossini para o acervo público do Memorial da Pandemia (2020)
Nota: nos faz refletir sobre quantas pessoas foram obrigadas a se reinventar e abandonarem, mesmo que temporariamente, suas profissões para sobreviverem. De professor a vendedor ambulante. [MP-I-34]

FIGURA 12 - Videochamada

Fonte: Pietra Diwan para o acervo público do Memorial da Pandemia (2020)
Nota: Aniversário virtual, 13 anos via Zoom. (MP-I-06)

FIGURA 13 - A fé em tempos de pandemia

Fonte: Daniele Carvalho da Silva para o acervo público Memorial da Pandemia (2020)
Nota: Um sagrado pandêmico. [MP-I-32]

Enquanto na primeira sessão abordamos os Deslocamentos pelo país e as experiências durante esses passeios e o cuidado ao transitar, aqui abordamos os Desencontros. Em muitos momentos não tínhamos certeza de quase nada; o desemprego, seja de um professor que teve sua escola fechada (Figura 11), ou de um ambulante. As videochamadas se tornaram cotidiano, era possível conversar, comemorar, trabalhar, lecionar, o mais próximo de estar junto graças às câmeras ligadas (Figura 12). Qualquer menção era solidária para espantar a crescente solidão que involuntariamente se apossava de nós. Afinal, existe algo mais desesperador para um ser social do que ficar sem contato humano?

Nessa jornada não soubemos dizer se era algum tipo de castigo divino ou só resultado da ação do homem na natureza. A quem poderíamos culpar? Nem todas as rezas foram suficientes para salvar os entes queridos de muitos na Unidade de Terapia Intensiva (UTI), era inevitável questionar nossas

crenças, vimos água benta virar álcool em gel, até para nos comunicarmos com Deus era necessário tomar todas as medidas de combate ao vírus (Figura 13). Ironia ou não, os desencontros aconteceram, seja com o outro ou com a nossa própria espiritualidade, e em tempos difíceis até ela é colocada em questionamentos.

5.4 A luz no fim do túnel

Sem dúvida, a fotografia é inerentemente pluralista, tanto na sua beleza quanto na sua evidência. Desfrutando-a, lendo-a, interpretando e reproduzindo para entender o registro. Tudo depende de quem está vendo e interpretando. Mudar o contexto em que se insere muda sua interpretação, sua leitura. Nesse sentido, as imagens fotográficas que representam momentos históricos funcionam como janelas de memória, elementos que perpetuam e associam memórias e valores. A próxima figura e última, trata-se de uma captura de tela de notícia do jornal Folha de São Paulo que detalha um grande acontecimento: a primeira brasileira a tomar a vacina contra a Covid-19.

FIGURA 14 - A primeira vacinada



Fonte: Paulo Gomes da Silva para o acervo público do Memorial da Pandemia (2020).
Nota: da primeira mulher a ser vacinada no Brasil. (MP-1-35).

Por muito tempo vivemos sem as vacinas e felizmente hoje as temos. Elas estimulam o sistema imunitário do organismo a proteger a pessoa contra infecções ou doenças. A Figura 14 acompanha a notícia da chegada imunização contra a Covid-19 foi como o próprio título dessa sessão: uma luz no fim do túnel. Foi necessário a paciência e confiabilidade nas pessoas que deram tudo de si para tornar isso real, por mais que em muitos momentos tiveram seu trabalho questionado por aqueles que não acreditam na ciência e nos seus resultados comprovados. A desinformação que já era algo presente no nosso dia-a-dia, as *fake news* e falas problemáticas de líderes não somente descredibilizaram o trabalho científico, mas acarretaram mais informações incorretas e o pânico generalizado. Não podemos deixar que tais questões se tornem comuns, as fontes jornalísticas, os educadores, todos os tipos de detentores de comunicação, juntamente aos museus e instituições que

disseminam a informação, precisam manter o seu compromisso com a verdade.

Graças a essa notícia, pudemos fazer planos novamente, foi nossa fonte de esperança, ela detém uma importância que nos une de maneira universal. Todos nós aguardávamos por ela e comemoramos a sua chegada, como um recém-nascido tão desejado. Seria esse o nascimento de uma nova sociedade, agora mais empática?

Não muito tempo depois da vacinação e das doses de reforço, tivemos uma notícia ainda melhor: o fim da pandemia²⁰. É claro que a Covid-19 ainda era uma ameaça à nossa saúde, mas não em escala pandêmica. Como um livramento, estamos livres, e nossas memórias irão nos acompanhar.

²⁰ ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **OMS declara fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente à COVID-19.** 05 maio 2023. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente>

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sensação de mudança nas relações sociais, por mais que não consigamos defini-la, é presente, nós a sentimos. A doença trouxe muitas consequências ruins, destruiu tantas famílias e sonhos, nos deixou traumas e tristezas, mas acendeu nossas esperanças no amanhã e nos deixou calorosos com quem amamos. A proximidade se tornou algo tão importante, estar perto de quem gostamos se tornou tudo, estamos dando tanto valor ao que amamos porque sentimos na pele o medo da perda.

As imagens analisadas juntamente ao comprometimento do Memorial da Pandemia detêm uma fonte enriquecedora e simbólica para o entendimento e elaboração de uma memória coletiva durante os anos de 2020 e 2021.

Tivemos pouco tempo para assimilar o tamanho - ou tentar - das coisas que aconteceram, a própria aceitação ainda é questão de debate, pois hoje vivemos como se isso não passasse de um pesadelo. Acontecimentos como esse rompem barreiras pelo mundo, graças à internet foi possível estar conectados com amigos, visitar exposições virtuais, conhecer pessoas de outro continente e aprender outras línguas. Ficar trancado dentro de casa mudou muito nossa forma de pensar na vida, a importância de um simples passeio na praça, por exemplo, se tornaria um grande evento.

Por consequência, tivemos uma explosão de eventos públicos entre 2022 e 2023, logo após o decreto de fim da quarentena. Eventos como A Noite dos Museus, em 2022 que ocorreu no dia 21 de maio. Sendo um evento que ocorre anualmente em Porto Alegre e só naquele ano teve presença de mais de 180 mil pessoas. O evento mostra a iniciativa de espaços culturais abrirem suas portas para o público desde a noite até madrugada adentro e de forma gratuita, visando incentivar o contato da população porto-alegrense com a arte, música e literatura²¹. Eram tantas pessoas que as filas para entrar nos museus faziam curvas pela Praça da Alfândega. Foi o primeiro grande evento após o fim da quarentena e a oportunidade de desfrutar da companhia de quem a

²¹ VIEIRA, Letícia. Confira como foi a Noite dos Museus 2022. **Em Pauta**, 02 jun. 2022. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/empauta/confira-como-foi-a-noite-dos-museus-2022/>. Acesso em: 26 jul. 2023.

gente gosta de forma pública, algo inusitado depois de tanto tempo confinado dentro de casa.

As filas gigantes, as ruas do centro de Porto Alegre fechadas, o impacto no comércio e no bem-estar nos trazem agora outro questionamento: será que os museus estão prontos para falar sobre a Pandemia? Será que tem espaço ou acervo para tocar em um assunto tão delicado? Como essas instituições darão conta? Essas e muitas outras perguntas acompanham o fim da pandemia e que direcionamento devemos seguir e como pensar nessa memória social.

Agora, olhando para os anos de 2020 e 2021 é que conseguimos ter pelo menos um pouco de compreensão de tudo o que nos aconteceu. Foi uma realidade difícil de ser vivida, independente das condições financeiras ou classe social. Hoje compreendemos o papel importante desenvolvido pelo Memorial da Pandemia, os seus registros e acervo nos levam de volta ao passado, nos fazem pensar no presente e acreditar no futuro. Os nossos deslocamentos, o que se tornou o nosso novo normal, os desencontros que tivemos - inclusive conosco e nossas crenças -, e a nossa luz do fim do túnel, todas interligadas, amparadas pelo papel aqui desempenhado. É o que se espera de uma instituição que trabalhe com a memória, que ela cumpra o seu papel como guardiã da memória da pandemia. Neste caso, o Memorial da Pandemia não só cumpriu com o seu papel, como o ainda cumpre: O Acervo de Todos Nós.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Jorge. **O Memorial como Instituição no Sistema de Museus: Conceitos e práticas de um conteúdo**. Versão modificada da palestra apresentada no Fórum Estadual de Museus, Porto Alegre, 1999. Disponível em: <<https://memorial.mppr.mp.br/arquivos/File/Barcellos.pdf>>. Acesso em: 08 jul 2023.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **Os fundamentos do conhecimento na vida cotidiana**. In: A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 1985, p.35-68. Disponível em: <<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=4690211>>. Acesso em: 08 jul 2023.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaios sobre a relação do corpo com o espírito**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Disponível em: <<https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2011/08/matc3a9ria-e-memc3b3ria.pdf>>. Acesso em: 08 jul 2023.

BEZERRA, Daniele B.; OLIVEIRA, Priscila C. **Fenômenos memorialísticos online em tempos de pandemia: entre o registro e a memorialização de um evento traumático**. Museologia & Interdisciplinaridade, v. 10, n. Especial, p. 93–116, 18 dez. 2021.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

COMISSÃO INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS - CIDH. Resolução nº 1 de 2020: pandemia e direitos humanos nas américas. Washington, 10 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.oas.org/pt/cidh/decisiones/pdf/Resolucao-1-20-pt.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

DIWAN, Pietra; FERREIRA, Moisés Carlos; ROSSINI, Cynthia H.; TEIXEIRA, Alexandre Francisco Silva. **Memorial da Pandemia: o acervo de todos nós**. São Paulo: Editora Todas as Musas, 2021.

GARCIA, Rafael. **A Memória como Missão. Memorial da pandemia: o acervo de todos nós**, 2021. Disponível em: <<https://memorialdapandemia.com/prefacio-rafael-garcia/>>. Acesso em: 19 jun. 2023.

GONDAR, Jô. **Memória individual, memória coletiva, memória social**. Revista Morpheus - Estudos Interdisciplinares em Memória Social, v. 7, n. 13, 2008. Disponível em: <<https://seer.unirio.br/morpheus/article/view/4815/4305>>. Acesso em: 11 set. 2023.

GUILLAUME, Marc. **A política do patrimônio**. Porto: Campo Das Letras, 2003.

HANKE, Michael. Comunicação e Lebenswelt, racionalidade e experiência estética: uma discussão interdisciplinar e pragmatista. **Galáxia**, São Paulo, v. 35, p. 106-118, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/gal/a/3sz9TQTTgNYCxjvW9xZNGQJ/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 08 jul. 2023.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5 ed. Campinas: UNICAMP. 2003.

MEMORIAL DA PANDEMIA. **Acervo público**, 2020. Disponível em: <https://memorialdapandemia.com/conheca/>. Acesso em: 13 jul. 2023.

MEMORIAL DA PANDEMIA: o acervo de todos nós [Formulário do Google], 2020. Disponível em: <https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfJyTVskR8gLbiCmpoluXQhoT-Vwi_oYlyldCJMvp-Qqx7O3g/viewform>. Acesso em: 17 jul. 2023.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A Histórica, Cativa da Memória? para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. São Paulo, n. 34, p. 9-24, 1992 Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4182921/mod_resource/content/2/Meneeses%2C%20Ulpiano%20Bezerra%20de-AHistoriaCativadaMemória%3F.pdf> Acesso em: 05 mar. de 2023.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História Visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11-36, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbh/a/JL4F7CRWKwXXgMWvNKDfCDc/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 08 jul 2023.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Revista de Estudos Históricos**, v. 11 n. 21 1998. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2067>>. Acesso em: 08 jul. 2023.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Os museus e as ambiguidades da memória: a memória traumática. *In*: ENCONTRO PAULISTA DE MUSEUS, 10., 2018. **Anais [...]**. São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://www.sisemsp.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Ulpiano-Bezerra-de-Meneeses.pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2023.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Rumo a uma história visual. *In*: MARTINS, José de Souza. ECKERT, Cornelia. NOVAES, Sylvia (Org.). **O imaginário e o poético nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 2005. p. 33-56. Disponível em: <<https://vdocuments.mx/rumo-a-uma-historia-visual-ulpiano-menezes.html>>. Acesso em: 08 jul. 2023.

MAGALDI, Monique, SCHEINER, Tereza. **Reflexões sobre o museu virtual**. 2010. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA

INFORMAÇÃO INOVAÇÃO E INCLUSÃO SOCIAL, 11., 2010. **[Conference paper.]** Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/24885/>>. Acesso em: 10 de mar. 2023.

MUSEU DAS MEMÓRIAS (In) POSSÍVEIS. [Página institucional], 2023. Disponível em: <<https://museu.apoa.org.br/site/sobre/>>. Acesso em: 30 jun. 2023.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares.** Projeto História, São Paulo, v. 10, dez. 1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>>. Acesso em: 08 jul. 2023.

NORA, Pierre apud LE GOFF, J., **História e Memória.** Campinas, Ed. Unicamp, 2003. Disponível em: <<https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/História-e-Memória.pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2023.

PITOMBO, João Pedro. Família abre caixão em velório e cinco são contaminados por Covid-19 na Bahia. **Folha de São Paulo online**, São Paulo, 13 maio 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/05/familia-abre-caixao-em-velorio-e-cinco-sao-contaminados-por-covid-19-na-bahia.shtml>>. Acesso em: 20 jul. 2023.

OLIVEIRA, Priscila Chagas; NUNES, João Fernando Igansi. **INTERFACES DA MEMÓRIA SOCIAL: MUSEUS, VIRTUALIDADES E ATUALIDADES.** Revista Eletrônica Ventilando Acervos, n. 1, p. 7–22, 2021. Disponível em: <<https://ventilandoacervos.museus.gov.br/wp-content/uploads/2021/08/A1-Priscila-Chagas.pdf>>. Último Acesso em: 10 set 2023.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 8, 1989. Disponível em: <https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2023.

RODRIGUES, Adriano Duarte. Comunicação e Experiência. IX *In*: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 9., 2000. **Anais [...]**. Porto Alegre, 2000. Disponível em: <<https://www.bocc.ubi.pt/pag/rodrigues-adriano-comunicacao-experiencia.pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2023.

SCHEINER, Tereza. **Apolo e Dioniso no templo das musas.** Op. , p. 144. Disponível em: <<http://objdig.ufrj.br/30/teses/491242.pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2023.

SILVA, Giuslane Francisca da. [Resenha de] HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. 2. ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013. **Aedos**, Porto Alegre, v. 8, n. 18, p. 247-253, ago. 2016. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/aedos/article/viewFile/59252/38241>>. Acesso em: 08 jul. 2023.

SILVA, Wilton C. L. [Resenha de] CANDAU, Joel: *Memoria e Identidad*. Buenos Aires: Ediciones Del Sol, 2008. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 53, n. 1, 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ra/article/download/27356/29128/31819>>. Acesso em: 08 jul. 2023.

VELOSO, Witter. Covas abertas no Cemitério Santo Antônio em Sorocaba. **G1 Sorocaba e Jundiaí**, 02 abr. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2021/04/02/imagens-aereas-mostram-covas-abertas-em-mes-com-recorde-de-mortes-em-sorocaba.ghtml>. Acesso em: 15 jul. 2023.